



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA -
UESB**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC**

GERONCIO SILVA BARBOSA

**OS FALARES AFRICANOS E IDENTIDADE ÉTNICA DOS ALUNOS
DO COLÉGIO ESTADUAL DOUTOR MILTON SANTOS –
COMUNIDADE QUILOMBOLA.**

JEQUIÉ/BA

2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC

GERONCIO SILVA BARBOSA

OS FALARES AFRICANOS E IDENTIDADE ÉTNICA DOS ALUNOS DO COLÉGIO
ESTADUAL DOUTOR MILTON SANTOS – COMUNIDADE QUILOMBOLA.

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada ao programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Angélica Leal Barbosa

JEQUIÉ/BA

2022

B238f Barbosa, Geroncio Silva.

Os falares africanos e identidade étnica dos alunos da escola quilombola urbana Dr. Milton Santos / Geroncio Silva Barbosa.- Jequié, 2022.

73f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa)

Rafaella Cância Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

GERONCIO SILVA BARBOSA

**OS FALARES AFRICANOS E IDENTIDADE ÉTNICA DOS ALUNOS DO COLÉGIO
ESTADUAL DR. MILTON SANTOS – COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como
requisito para obtenção do título de Mestre em Relações
Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

Aprovado em: 14 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa (UESB)
Presidente da Banca/Orientadora



Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)
Examinador Interno



Prof. Dr. Sílvio Roberto dos Santos Oliveira (UNEB)
Examinador Externo

**JEQUIÉ
2022**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** pelo dom da vida, pela proteção e por iluminar o meu percurso acadêmico. Sou muito grato por conhecer muitas pessoas que ajudaram e contribuíram com toda dedicação e entusiasmo, permitindo o meu desenvolvimento como pesquisador. O respeito e a sabedoria são os fundamentos buscados para a realização deste trabalho.

O sonho de cursar o Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade estava em meu coração e pensamento. Esse desejo nasceu quando realizei o curso de extensão em Educação Quilombola ofertado pelo ODEERE no ano de 2017. Na oportunidade conheci algumas pessoas que já possuíam vida acadêmica, como as colegas **Ariadini de Almeida Dócio** e **Juciara de Amorim Santana Souza**, que me ajudaram com ideias sobre a construção de um pré-projeto, o que foi imprescindível para a minha aprovação no Programa.

Ao meu pai **Deusedith Barbosa**, minha mãe **Maria de Lurdes Silva Barbosa**, minha irmã **Geandra Silva Barbosa**, e meu irmão **Geraldo Silva Barbosa**, família que sempre ofereceu amor e afeto, minha base e estrutura que muito me ensinou e faz parte do que eu sou. Os meus valores e princípios foram moldados por essa família, que sempre esteve ao meu lado e a quem dedico essa pesquisa.

A minha esposa **Valdene Moura Lopes**, que é também uma pesquisadora: sem você eu não teria seguido com esse trabalho. A sua ajuda, as suas contribuições e apoio foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Suas sugestões, ideias e correções proporcionaram a evolução dessa investigação. Como é bom ter alguém bem próximo incentivando e ajudando a todo momento; lembro das suas críticas, no intuito que eu melhorasse a escrita do texto, quando dizia: “Você não tem vergonha de escrever dessa forma?” De imediato eu sabia que tinha que reescrever, e ficava muito feliz quando finalmente ouvia: “Agora ficou melhor!” Sou muito feliz e agradeço por tudo que você fez nessa jornada no Mestrado.

Um agradecimento especial para **Eliel Pires Lopes**, cunhado e pedagogo, que acompanhou e ajudou muito na elaboração de um projeto científico relevante; com inteligência sugeriu alterações importantes para a construção do pré-projeto de pesquisa dentro das exigências científicas.

Aos professores, **Dra. Marise de Santana** e **Dr. Natalino Perovano Filho**, que com muita sabedoria acreditaram, incentivaram e ajudaram na concretização da pesquisa. Apoio

fundamental que fez despertar em mim a vontade de ser um pesquisador, sabendo que não estou só nesta jornada tão desafiadora e emocionante que é o ato de pesquisar.

Um agradecimento para os professores da banca de qualificação que em um momento importante avaliaram o trabalho e fizeram as recomendações, sugestões e correções necessárias para a defesa. Professor **Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)** muito obrigado pelas suas correções e sugestões que possibilitaram a melhor apresentação do texto e o Professor **Dr. Silvio Roberto dos Santos Oliveira (UNEB)** que de forma pertinente contribuiu com análise dos dados coletados, garantindo, assim, uma análise científica eficaz.

A minha orientadora, a Professora **Dra. Ana Angélica Leal Barbosa**, por quem tenho a maior admiração e respeito. Profissional sempre atenta, acompanhando cada fase da pesquisa, sugerindo, corrigindo, trabalhando muito. A pesquisa evoluiu muito e desenvolveu também por sua dedicação; em nenhum momento eu fiquei desamparado ou desmotivado; suas aulas, suas orientações transformaram a pesquisa e o pesquisador. Gratidão eterna.

Tenho muito a agradecer aos meus **colegas de turma do Mestrado (2020)**, por passarmos momentos juntos, mesmo de forma virtual (pela situação imposta pela pandemia da covid-19) tivemos muitas aulas, encontros e conversas, que foram essenciais para o desenvolvimento do texto dissertativo. Aprendi muito com vocês. Sou grato pela amizade de cada um e tenho muito orgulho do potencial que a turma possui, apresentado em cada aula. Estarei sempre torcendo por vocês. Agradeço também a colega de Orientação **Águina Matos dos Anjos Silva**, por ajudar na organização do meu texto com ideias e sugestões, e ao colega **Paulo Roberto Nogueira Silva**, que sempre ajudou respondendo as muitas dúvidas que o curso de Mestrado apresenta.

À **Polícia Militar da Bahia** representada pelos meus comandantes imediatos **Capitão PM Isaias Jesus Santos** e **Capitão PM Aristides Santos Guimarães** que durante a pesquisa de Mestrado ajudaram na minha jornada de pesquisador, entendendo das dificuldades e dos obstáculos que a realização de um Mestrado possui, permitiram as muitas permutas necessárias e dispensas de serviços para repor posteriormente, o que possibilitou prosseguir na pesquisa. Aos senhores o meu muito obrigado!

Ao Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola, na pessoa da coordenadora pedagógica: **Diana Barreto Xavier**, o meu mais sincero agradecimento; o trabalho hoje tornou-se realidade por causa dos participantes, o local e os interlocutores da

pesquisa. Sem essa participação a investigação seria impossível de ser realizada. Obrigado por aceitar e participar na construção do trabalho e por transformar, a cada encontro, o pesquisador Geroncio Silva Barbosa em uma pessoa melhor.

Ao **Órgão de Educação em Relações Étnicas (ODEERE)** e ao **Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC)** que possibilitaram minha formação acadêmica e mais do que isso a minha própria transformação humana. Um agradecimento especial para **Jacson Bomfim** da secretaria do PPGREC que com maestria resolvia todas as necessidades burocráticas da turma.

Agradeço à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pelo apoio para a realização das atividades do PPGREC.

Dedico esse trabalho aos meus filhos **Luna Moura Cardoso** e **Artur Levy Moura Barbosa**, que representam a razão de seguir sonhando e realizando; são os motivos para pensar e tentar contribuir com um mundo melhor.

“A língua portuguesa que falamos é culturalmente negra”

Yeda Pessoa de Castro

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a temática dos falares africanos e identidade étnica dos alunos do Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola. Com o objetivo de compreender a relação dos falares africanos e as identidades étnicas dos participantes da pesquisa, buscou-se respostas e soluções para os problemas e questionamentos a respeito da diversidade linguística e cultural do Brasil, o silenciamento e a negação do legado africano, pois, é flagrante a necessidade de conscientização, através dos debates e discussões no campo acadêmico, da linguística africana e afro-brasileira, para o tão relevante entendimento da identidade linguística do país. Situada na área das ciências sociais e humanidades, de método qualitativo de base etnográfica, deu-se a realização das oficinas, sob o título: “Nossos falares, nossas identidades”, na escola pesquisada, respeitando todas as orientações sanitárias para o combate à infecção pandêmica que se instalou no Brasil, estabelecendo um grupo focal, a fim de coletar dados a partir das provocações realizadas. Desse estudo empírico, realizado através dos compartilhamentos, das vivências e experiências trazidas pelos participantes da pesquisa, expressados em seus falares, efetuou-se o registro dos dados obtidos, elaborando um possível “corpus” de palavras de origem africana, com a finalidade de obter subsídios para legitimar as línguas africanas no Brasil, reafirmando a necessidade de trabalhar uma linguística afro-brasileira nas escolas brasileiras, oferecendo sugestões metodológicas para um ensino de língua portuguesa mais próximo da realidade dos estudantes.

Palavras-chave: Falares Africanos; Identidade Étnica; Estudantes Quilombolas

ABSTRACT

This research presents the theme of the african speeches and ethnic identity of the students of the urban quilombola school Dr. Milton santos. With the objective of understand the relationship of African speeches and the ethnic identities of the research participants, the Search for answer and solutions to the problems and questions about respect for the linguistic and cultural diversity od Brazil, the silence and denial of the African legacy. The need for awareness to debate and academically discuss African and Afro-Brazilian linguistics that is so relevant to the understanding of our linguistic identity. In the área of social sciences and humanities of qualitative method of ethnographic basis and with the accomplishment of a workshop in the researched school, establishing a focus group for the research based on the provocations carried out in the workshop entitled: “Our speeches, our identities”. This empirical study was carried out through the sharing, experiences brought by the research participants, expressed in their speeches, the recording of the data obtained, elaborating a possible “corpus” of words of African oringin in order to obtain subsidies to legitimize African languagens in Brazil, reaffirming the need to work an Afro-brazilian linguistics in our schools, offering methodological suggestions for a Portuguese language teaching close together to the reality of students.

Keywords: African Speeches; Ethnic Identity; Quilombolas Students.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Acervo Próprio (2021).....	44
Quadro 1 – Artigos Seleccionados para a Revisão de literature.....	22
Quadro 2 – Análise Comparativa dos Dados.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.A	Centro Acadêmico de Letras
KIMB	Quimbundo e seu Conjunto de Dialectos
KIK	Quicongo e seu Conjunto de Dialectos (quitando, quitari, etc.)
ODEERE	Orgão de Educação em Relações Étnicas
PMBA	Policia Militar da Bahia
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
UMB	Umbundo
YOR	Iorubá

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REVISÃO DE LITERATURA	18
3. LÍNGUAS E FALARES AFRICANOS, QUILOMBOS E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: AS IDENTIDADES ÉTNICAS	25
4. METODOLOGIA.....	32
4.1 . Jequié, comunidade do Barro Preto e o Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola.....	35
4.2. Etnografia/Etnopesquisa-ação no Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola	37
4.1.2. Descrição das Oficinas: Elaboração e Aplicação das Oficinas	39
5. TRABALHO DE CAMPO: UM DIÁRIO ETNOGRÁFICO.....	43
6. SOBRE OS DADOS COLETADOS.....	47
7. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	55
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
APÊNDICES.....	68

1. INTRODUÇÃO

A partir da formação acadêmica do pesquisador no curso de Letras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié (2006), e de alguns anos de experiência como professor de Língua Portuguesa atuando no Ensino Fundamental e Médio, surgiram muitas indagações, questionamentos e dúvidas sobre qual é a língua efetivamente falada no Brasil. O livro didático da Língua Portuguesa sinaliza uma gramática e suas regras que norteiam a escrita, porém, alguns alunos ao se expressarem, trazem um falar diferenciado e até gíngado na pronúncia de palavras ou falares que nem mesmo sabem explicar o sentido. Quando questionados sobre o seu falar informam ter aprendido com pessoas mais velhas, membros da família ou próximos da família.

Ao ingressar na Polícia Militar da Bahia (PMBA) em 2003, pela necessidade de ter uma estabilidade financeira, o pesquisador tentou conciliar a profissão e os estudos acadêmicos; nesse período teve a oportunidade de participar de muitos congressos, encontros e seminários na área das ciências sociais e humanidades. Além disso, participou da direção do C.A (Centro Acadêmico) de Letras (UESB-Jequié/2002), o que o levou a fazer parte de movimentos estudantis, participando, inclusive, das primeiras discussões realizadas pelos estudantes da UESB, campus de Vitória da Conquista, sobre a implantação das políticas afirmativas das cotas raciais.

O fascínio e o mistério da oralidade, o falar de algumas pessoas, veio novamente a cruzar a vida profissional desse investigador, a partir da experiência como instrutor/professor do PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas -. O objetivo desse programa é aproximar e desmistificar o papel da polícia na comunidade e principalmente na comunidade escolar, trazendo para a política de segurança pública uma aproximação com a população pelo viés do diálogo, a fim de construir um vínculo educativo e preventivo, a partir de um trabalho com temáticas sociais que contribuam para a construção da cidadania. Essa política de segurança pública está organizada na permanência do instrutor/professor em cada unidade de ensino, o que oportunizou ao pesquisador o primeiro contato com a escola quilombola e levou-o a perceber, que nas escolas que atendem ao público de comunidade quilombola, alguns alunos têm um jeito especial de falar e utiliza palavras que não se consegue perceber em outras escolas fora desse universo.

Em 2017, através da internet, o pesquisador conheceu o ODEERE (Órgão de Educação e Relações Étnicas), que oferece cursos de extensão, entre esses, o de Educação Quilombola, o qual teve interesse em participar, para entender um pouco sobre quilombo e educação quilombola, o que poderia trazer melhor compreensão da história dos povos negros na formação linguística do Brasil. O curso de extensão proporcionou a interação com professores, estudantes e funcionários do ODEERE. O referido investigador aprendeu muito (e continua aprendendo), sobre conteúdos que rompem barreiras e conceitos estabelecidos, além de entender sobre a ancestralidade do povo negro e, também, a sua própria origem de homem negro, compreendendo o seu real valor e dever frente a sociedade.

O interesse em estudar o tema descrito no título deste trabalho também tem a ver com as lembranças da infância e juventude, onde recorda das aulas de folclore, das apresentações de capoeira realizadas nas escolas nas quais estudava, das participações em carurus, nas rezas e na religiosidade dos mais antigos, oportunidades que despertavam a curiosidade investigativa acerca da cultura negra, principalmente dos falares africanos que outrora presenciava, sem qualquer domínio de saberes sistematizados acerca daqueles fenômenos. A formação escolar que obtivera até o momento, de maneira geral até aqui, não havia possibilitado respostas para esses anseios.

A relevância científica, social e técnica da pesquisa é justificada pela possibilidade de apresentar muitas características da diversidade dos falares na sociedade, podendo mostrar vocábulos e/ou expressões de grupos étnicos oriundos da África, além das construções identitárias dos interlocutores pesquisados. Trata-se de uma pesquisa na área das ciências sociais e humanidades, à luz da linguística, para preservar a memória, o legado e a ancestralidade africana, que se pôde encontrar no local da pesquisa.

No mesmo sentido, o mergulho na língua permite desvelar tendencialmente os segredos internos de sua formação. Instrumento de expressão da consciência, a língua é essencial nas ciências sociais, em geral, e na historiografia, em particular. Na descrição do mundo não importa apenas o que se diz, mas também, e muito, como se diz. Nos fatos, o próprio dizer encerra e determina, poderosamente, o dito. (CARBONI; FLORENCE, 2003, p. 59).

Destaca-se a importância de estudar os falares africanos de uma região, entendendo a variedade de linguajares existentes num determinado espaço geográfico. São saberes importantes, que ficaram à margem das academias; expressões e modos de falar que podem demonstrar o real e valoroso saber popular tão esquecido e ignorado na sociedade e, assim, entender a relação das identidades étnicas com os falares africanos. É importante que a

comunidade e a escola quilombola conheça de fato sua história de povos originários e suas línguas, pois, “enquanto na cultura europeia a transmissão do saber se dá através da mediação do texto, isto é, em forma de comunicação escrita, nas culturas negra e ameríndia a transmissão se dá de forma direta, dinâmica, pessoal e intergrupar” (LUZ, 2011, p. 99).

Essa pesquisa relaciona-se com a possibilidade de elaborar projetos educacionais que possam contribuir com a formação e prática docente, no intuito de incentivar reflexões acerca das populações afro-brasileiras, ampliando informações e conhecimento sobre as matrizes linguísticas africanas do Brasil. A Língua Portuguesa do Brasil é formada por muitas línguas, das quais, muitas oriundas da África, marcando as diversas existências do negro africano. A investigação desse legado, dessa ancestralidade africana, ressignifica a identidade brasileira, assim, nesse trabalho, investiga-se a relação da identidade étnica com os falares africanos representadas nas palavras e expressões linguísticas, que significa a própria existência dos grupos étnicos africanos.

Desta forma, justifica-se o trabalho, que tem por finalidade apresentar um “corpus” de dados coletados em uma escola quilombola urbana, destacando a relação desses dados com a identidade étnica dos participantes da pesquisa. Uma pesquisa que visa estudar palavras e fenômenos linguísticos expressados nos falares, buscando as origens e os elementos que possam caracterizar o legado, a memória dos grupos étnicos africanos. Em um ambiente escolar é importante entender como esses estudantes estão expressando seus falares e se existe e resiste ainda hoje os elementos que demarcam a etnicidade africana nesses interlocutores da pesquisa.

O conhecimento das línguas da África, em especial aquelas que adentraram no Brasil no período colonial, permitem aprender melhor o contato linguístico que foi produzido no Brasil, investigar se existe e como se dá a relação dos falares africanos e as identidades étnicas em comunidades quilombolas. A falta de respeito à diversidade linguística e cultural da sociedade, o silenciamento e a negação do legado africano, tudo isso aponta para a necessidade de conhecer sobre o elemento negro, tão presente no cotidiano, e tomar posse do próprio modo de falar, podendo expressar o que realmente tem sentido e significado, evidenciando o que realmente se fala e revelando sua real identidade. Por esse motivo, entende-se que é importante encontrar soluções para a seguinte questão: qual a relação das identidades étnicas com os falares africanos utilizados na comunidade quilombola urbana do Barro Preto em Jequié-Ba? O conhecimento gerado por essa pesquisa poderá contribuir para os estudos na área da Etnologia

e Letras, colaborando com a elaboração de propostas metodológicas de ensino/aprendizagem das linguagens de forma mais próxima da realidade sociocultural dos alunos.

Considerando a composição da pergunta-problema, uma possível resposta pode ser encontrada com a investigação da existência (ou não) de uma relação entre os falares africanos que são utilizados pelos participantes da pesquisa na comunidade quilombola urbana do Barro Preto, com suas identidades étnicas. O objetivo geral que direciona e fundamenta a pesquisa é a busca pela compreensão da relação das identidades étnicas com os falares africanos que são utilizados pelos participantes da pesquisa na comunidade quilombola urbana do Barro Preto em Jequié-BA. Para responder a questão norteadora e a confirmar (ou negar) a hipótese, essa pesquisa foi conduzida pelos seguintes objetivos específicos: I) Investigar o processo de construção das identidades étnicas dos alunos do Colégio Estadual Dr. Milton Santos – Comunidade Quilombola, e como são externadas; II) Analisar os falares africanos dos participantes da pesquisa; III) Verificar a existência de elementos que ajudem a compreender os falares africanos produzidos pelos participantes da pesquisa como uma forma de identificação étnica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura, narrativa tem como finalidade investigar a produção no campo acadêmico sobre as identidades étnicas e os falares africanos na comunidade quilombola do Barro Preto em Jequié-BA. Diante disto, evidenciou-se a importância de apresentar um trabalho baseado em um material teórico-científica, então, foi realizado também um levantamento bibliográfico inerente ao tema, visando verificar a possibilidade de novas linhas de pesquisa. Assim, essa investigação se concretizou com o levantamento de dados e por novas considerações para elaborar um percurso metodológico que possibilitasse a construção de um trabalho relevante e que atendesse aos anseios e a necessidade da sociedade e da ciência. Segundo Cordeiro e colaboradores:

A revisão da literatura narrativa ou tradicional, [...] apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva. (CORDEIRO, *et al.*, 2007, p. 429-430).

Essa pesquisa, portanto, possui um caráter amplo e propõe descrições e argumentos sobre a temática em questão, possibilita uma contextualização e o entendimento do que existe no estado da arte acerca do tema. Desta maneira, ao analisar alguns trabalhos científicos, cria-se a possibilidade de aprender com a experiência dos autores, entender os principais questionamentos, as lacunas existentes, para que se possa elaborar uma metodologia específica, o que oportunizará a construção de novas pesquisas.

Conforme Castro (2001), existe no campo acadêmico a necessidade da promoção de debates e discussões sobre a linguística afro-brasileira com o propósito de refletir sobre o respeito devido aos povos africanos e às suas línguas. Os falares africanos podem revelar vivências e saberes, bem como a ancestralidade, o legado de povos negros, costumes, crenças, religiosidade e hábitos que ainda hoje estão vivos em nossa sociedade, evidenciando uma atitude de resistência secular. De acordo com Silva:

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *lingüística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tendemos a tomá-las como dadas, como "fatos da vida", com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade

brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais. (SILVA, 2000, p. 76-77).

Com relação à categoria *falares* africanos, estabeleceu-se como principal referência para essa revisão de literatura narrativa a obra: “*Falares africanos na Bahia*”, de Yeda Pessoa de Castro, publicada em 2001, por demonstrar a etnologia e etnolinguística africanas; uma África plural, com sua diversidade de povos, culturas e línguas. A referida obra ainda apresenta variedades dialetais que fizeram parte da formação do Brasil, representando a identidade de um povo, apresentando conceitos e teorias da linguística africana e um *corpus* de vocábulos de origem africana.

O livro é resultado de um longo período de pesquisa, em diversos lugares entre o continente africano e o estado da Bahia, no Brasil. O rigor metodológico e a ideia de subsidiar outras novas pesquisas são fundamentais para atribuir a importância acadêmica do livro. É uma obra ampla que compreende a ressignificação dos falares e da cultura de povos negros, enfatizando a diversidade linguística africana nos tempos da colonização do Brasil até os dias atuais. Para essa autora, estudar sobre a linguística afro-brasileira:

Envolve a decisão política de admitir a necessidade de trabalhar uma linguística afro-brasileira e buscar mecanismos para implantar, em programas de iniciação científica e de pesquisa, cursos de capacitação docente nas áreas de competência em questão, a fim de legitimar as línguas africanas no Brasil, dando visibilidade aos seus falantes para que possamos recuperar o passo da história que perdemos, ou seja, admitir que o africano adquiriu o português como segunda língua e foi o principal responsável pela difusão da língua portuguesa em território brasileiro. (CASTRO, 2001, p. 77).

A autora demonstra a riqueza cultural dos povos negros que fizeram parte da formação da sociedade brasileira em uma perspectiva dos falares africanos na Bahia. Nesta obra é possível perceber como as religiões de matriz africana são portadoras de valores e de uma visão alternativa do mundo. Pode-se perceber que ressignificar a formação do Brasil é dar voz e vez para quem foi escravizado e silenciado. É legitimar e valorizar as línguas africanas que estão na formação, na história e na atualidade do Brasil.

Assim sendo, a descrição e a análise de artigos selecionados, possibilitam o entendimento mais apurado, sobre o ângulo que os pesquisadores estão investigando, a temática proposta. Para tanto, será descrito neste trabalho a metodologia utilizada, sendo posteriormente detalhados os resultados, com a devida análise de cada trabalho selecionado, seguindo-se as considerações finais deste constructo, encerrando a discussão, por hora, com as referências que fundamentaram esta revisão de literatura.

Sobre a metodologia utilizada, ponto principal para se fazer uma revisão de literatura, buscou-se reunir, organizar e analisar materiais em seus diversos aspectos e características com o fito de obter um constructo que estabelecesse um referencial teórico capaz de contribuir para a elaboração da dissertação em questão.

Para realizar essa revisão de literatura também foi utilizado o artigo de Azevedo (2016): “Revisão de literatura, referencial teórico, fundamentação teórica e framework conceitual em pesquisa-diferenças e propósitos”. Esse artigo reproduz adequadamente conceitos e teorias da estrutura de uma revisão de literatura, o que contribuiu para uma elaboração estruturada e organizada do tema estudado.

Realizou-se um levantamento de artigos disponibilizados no Google Acadêmico a fim de encontrar publicações de artigos científicos sobre a temática dos falares africanos no período de 2008 a 2018. De acordo Caregnato:

É uma ferramenta gratuita, que permite localizar trabalhos acadêmicos de vários tipos [...]em múltiplas línguas [...]disponibilizadas em repositórios na web ou sites acadêmicos, além de determinar a frequência (*sic*) com que foram citados em outras publicações acadêmicas. (CAREGNATO, 2011, p. 75).

Essa é, portanto, uma ferramenta que possibilita ao pesquisador investigar como está sendo discutido determinado assunto no campo científico.

A contextualização histórica é importante para o entendimento dos diversos povos e línguas africanas trazidos para o Brasil, e essa revisão de literatura narrativa possibilita todo esse embasamento teórico para seguir-se com a pesquisa. De posse dos dados coletados na aplicação das oficinas, experiência empírica que é necessária em uma pesquisa etnográfica, foi realizada uma análise sobre a relevância dos estudos interdisciplinares e das ciências sociais, considerando os aspectos sociolinguísticos dos grupos quilombolas do Brasil.

O trabalho dessa revisão de literatura narrativa foi de grande importância na participação de dois eventos: o primeiro, uma atividade de extensão promovida pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) com o título: “Quilombos na Bahia: conceitos, história e estratégias de sobrevivência; identidade e relações étnicas”. Foi apresentada a pesquisa em desenvolvimento: “Os falares africanos e identidade étnica dos alunos da Escola Quilombola Dr. Milton Santos em Jequié-BA” do pesquisador Geroncio Silva Barbosa, orientado pela professora Dra. Ana Angélica Leal Barbosa, expondo a pergunta norteadora, justificativa, objetivos, metodologia e de como interpretar e analisar os dados coletados. O segundo, a

participação na roda de leitura e de vivências com o tema: “A tradição oral da comunidade do Barro Preto” ocorrida na comunidade quilombola do Barro Preto em Jequié-BA, discutindo sobre a comunidade quilombola, *locus* da pesquisa já realizada.

Os resultados da revisão de literatura narrativa realizada proporcionaram uma reflexão e provocação sobre a temática da linguística afro-brasileira nos contextos escolares do Brasil, com enfoque nas comunidades quilombolas, mostrando a importância de uma educação plural e inclusiva. É fundamental demonstrar a produção acadêmica com essa temática, verificando em cada artigo como o trabalho foi conduzido, quais objetivos e respostas alcançadas e, qual metodologia utilizada, chegando assim, a conclusões que possibilitem novas perspectivas de pesquisa.

É importante destacar que a situação pandêmica apresentou algumas dificuldades para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica que precisa coletar dados, necessários ao desenvolvimento do trabalho, entretanto, outras alternativas foram encontradas, como os dois momentos de interação, relatados acima, com pesquisadores de diversos contextos relacionados com as diversas comunidades quilombolas, e também com a comunidade quilombola urbana do Barro Preto em Jequié-BA, possibilitando momentos de debates sobre os desafios e perspectivas para com essas comunidades e suas escolas.

Na obra de Castro (2001), são listadas algumas palavras de origem africana, imprescindíveis para embasar uma investigação minuciosa com relação ao uso efetivo dos respectivos vocábulos, podendo ser confirmadas ou não, nas falas dos participantes da pesquisa. Com a aplicação da oficina cujo título, conforme anteriormente mencionado, foi: “Nossos falares, nossas identidades”, no colégio quilombola supracitado. Essa oficina até o momento está dividida em três etapas, com o objetivo de coletar um possível *corpus* de palavras de origem africana expressadas pelos alunos. Os dados obtidos de forma empírica subsidiarão a pesquisa. Devido à situação de pandemia vivida também no Brasil, foi necessário atender todas às medidas de combate à covid-19 para aplicação das oficinas e dessa maneira, investigar os falares africanos utilizados pelos interlocutores da pesquisa.

Observamos, se na expressão oral dos participantes é possível encontrar vocábulos listados por Castro (2001), como os de origem africana: *até, baba, bololô, bitelo, borocoxô, calombo, candomblé, cantiga, capenga, capote, catimba, cochilar, coque, fungar, lelé, mindá, mangar, muxila, muvuca, oxalá, pitoco, pongar, quilombola, quizomba, quizumba, zangar, zonzó*. Essas palavras, de acordo com a autora, são de procedência histórica das línguas *kwa*

(*Fon/Yor.*) e *bantos* (*Kik./Kimb./Umb.*). Verificamos, também, a ocorrência de outras palavras de origem supostamente africanas; os termos inicialmente encontrados foram registrados, e uma nova investigação pode ser realizada. Houve ainda uma verificação do entendimento das palavras, que já são comuns no vocabulário da comunidade pesquisada. Dessa forma, realizamos uma oficina e coleta dos dados.

Para selecionar os artigos, foram estabelecidos critérios referendados na obra de Castro (2001). Foram selecionadas, produções científicas, obras e autores relacionados com os falares africanos. Este processo envolveu atividades de busca, identificação, fichamento, mapeamento e análise de material, com o intento de relacionar as teorias, conceitos e contextos dos artigos para destacar as problematizações, hipóteses, objetivos, metodologias e a relevância de produzir pesquisas acerca dos falares africanos. A partir da seleção inicial de oito artigos, foram aplicados como critérios de escolha, trabalhos que estivessem mais articulados com a temática, assim, foram escolhidos cinco artigos.

Foi estabelecido, para realizar a pesquisa, um consistente referencial teórico articulado com os descritores: falares africanos; identidade étnica; estudantes quilombolas e suas combinações. Alguns artigos selecionados para análise nesta revisão de literatura narrativa estão dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos selecionados para a Revisão de Literatura

Autores	Obras	Ano
Dante Lucchesi	A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil	2008
Maria do Socorro Silva de Aragão	Africanismos no português do Brasil	2011
Haerter; Nunes; Cunha	Refletindo acerca da contribuição da cultura quilombola aos currículos da educação básica brasileira através da presença da história da África e afro-brasileira	2013
Tânia Lobo	Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil	2015
Ribeiro; Pinto	A sociolinguística educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas dos acadêmicos de letras	2018

Fonte: elaboração própria.

A descrição de cada texto foi trabalhada na XVI Semana de Educação da Pertença Afro-brasileira (UESB/ODEERE), como Comunicação Oral e publicada nos ANAIS do evento (2020) com o título: “As identidades étnicas reveladas nos falares africanos na comunidade quilombola urbana do Barro Preto”. Esse trabalho permitiu fazermos uma revisão de literatura mais ampla acerca da temática sendo parte integrante da dissertação com a finalidade de fundamentar a pesquisa.

Todo o material pesquisado permitiu refletir sobre a historicidade do povo negro em suas diversas etnias, com seus muitos falares. Os artigos selecionados trazem informações sobre as origens, as variações e a resistência das línguas africanas que chegaram ao Brasil pelos falares dos povos escravizados pelo dominador branco, considerando que indivíduos de diversas etnias foram trazidas para o Brasil. Conforme estudos realizados por Barbosa (2003), “Os negros trazidos para o Brasil vieram de diferentes regiões da África, havendo, todavia, predominância de dois grupos: o banto, sobretudo de Angola, e o sudanês.” (BARBOSA, 2003, p. 6). Esta foi uma estratégia utilizada pelos portugueses para dificultar possíveis organizações sociais dos escravizados, e assim evitar a formação de rebeliões, uma vez que, no entendimento dos dominadores, não poderia haver comunicação entre as etnias, devido à incompreensão das diferentes línguas, pois cada grupo possuía um idioma específico de acordo à localidade de origem (PINSKY, 1981).

De acordo com Tavares (2001), os negros trazidos para o Brasil na condição de escravos eram de vários pontos de embarque, e a inserção desse trabalhador escravo ocorria tanto na zona urbana ou na rural na Bahia. Segundo uma conclusão unânime entre os historiadores, muitos foram os locais de origem dos negros trazidos para o Brasil, gerando dessa forma uma grande heterogeneidade étnica, linguística e cultural entre os povos negros. Uma das consequências das insurreições que aconteceram na Bahia, no período de 1807 a 1835, foi que os escravos rebelados organizaram comunidades livres denominadas quilombos, conforme (FREITAS, 1976). A partir dessa leitura, pôde-se refletir sobre as nuances de toda essa diversidade linguística africana e afro-brasileira e de como elas podem contribuir com uma sociedade que reconheça a beleza da resistência negra retratada na língua.

A revisão de literatura narrativa acerca da temática dos falares africanos em diversos aspectos na sociedade e nas escolas brasileiras, permitiu, de forma fundamentada, a elaboração de um modelo de descrição e interpretação das falas e palavras pronunciadas em um contexto escolar da comunidade quilombola urbana do Barro Preto, em Jequié-BA. Garantindo uma base

teórica para a pesquisa e o entendimento da realidade sociolinguística do Brasil, em especial das comunidades quilombolas.

Hoje os quilombos estão localizados em quase todo o território nacional, principalmente nas áreas rurais. Incorporadas às áreas periurbanas e urbanas do país, estas comunidades tradicionais caracterizam-se por apresentar diferentes níveis de inserção na sociedade. (ANJOS, 2006, p. 52).

O trabalho de investigação permitiu a elaboração de uma síntese contendo os vários conceitos, a contextualização histórica e as explicações e argumentações críticas dos diversos estudos e autores selecionados sobre a temática dos falares africanos. Após a seleção, leitura e análise dos artigos, foi possível concluir, inicialmente, que existe no Brasil uma necessidade de debates e discussões sobre a linguística africana e afro-brasileira, pois, todos os artigos apontam uma lacuna na sociedade, na qual essa questão não é a principal preocupação na área científica.

Os artigos analisados retratam a dificuldade em trabalhar com o tema, ao tempo em que alertam sua importância para a sociedade e para a relevância do legado africano nessa sociedade, além de exprimirem a realidade dos falares africanos que, ainda hoje, resistem nas diversas comunidades quilombolas pelo Brasil. Dessa forma, buscou-se com essa revisão de literatura narrativa obter novas considerações, a fim de traçar um planejamento para a concretização de uma pesquisa que traga resultados significativos para a área da ciência social, contribuindo com a construção de uma sociedade melhor. Assim como, demonstrar a importância de se fomentar o debate acerca da linguística africana e afro-brasileira e, dessa forma, estabelecer uma educação que promova a valorização da diversidade linguística do Brasil.

3. LÍNGUAS E FALARES AFRICANOS, QUILOMBOS E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: AS IDENTIDADES ÉTNICAS

A necessidade em direcionar nossos estudos às áreas da etnolinguística, sociolinguística, teorias da etnicidade, da identidade étnica e da cultura negra para fundamentar e estruturar a pesquisa, oferecendo embasamento às intervenções e oficinas na busca dos dados. O conhecimento das teorias e dos conceitos étnicos, da linguística histórica, são importantes para a construção da pesquisa, bem como, para a compreensão da diversidade de povos africanos, as culturas, as línguas e os falares dos diversos grupos étnicos africanos que viveram no Brasil na condição de escravizados.

Segundo Lucchesi (2008), foram trazidos para o Brasil, cerca de 4 milhões de africanos, em 300 anos de tráfico negreiro (1550 até aproximadamente 1850), que falavam 200 línguas diferentes. A primeira Gramática Quimbundo, língua africana falada originalmente no noroeste de Angola, foi escrita em Salvador por um padre jesuíta, em 1694, revelando a grande incidência de escravos falantes dessa língua na cidade, também usada em Alagoas, no Quilombo dos Palmares. O contexto histórico abordado por Dante Lucchesi é fundamental para ancorar essa pesquisa no entendimento da trajetória histórica do negro em um determinado espaço.

Partindo do contexto histórico é importante tratar sobre as questões de etnicidade, etnias e grupos étnicos, recorrendo às obras dos teóricos os quais discutiram e ou elaboraram os referidos conceitos. “Estudar a etnicidade consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato”. (POUTIGNAT. STREIFF-FENART, 2011, p. 117).

Já Arruti (2014), apresenta conceitos acerca de etnicidade, etnia e grupos étnicos, contribuindo teoricamente para o entendimento de tais questões.

Se o uso do termo etnia coloca em destaque as características culturais, biológicas, linguísticas e, enfim, herdadas de um conjunto de pessoas, falar em grupo étnico, por sua vez, implica colocar em destaque justamente a unidade social que lança mão dessas características reais ou imaginadas para produzir e demarcar limites com relação a outras unidades sociais. Nesta passagem, o peso semântico deixa de ser depositado nas características substantivas (reais ou imaginadas) que

definem uma população, para recair na sua razão sociológica. (ARRUTI, 2014, p. 202).

Desse modo, percebe-se a importância de aprofundar e ampliar os conceitos referentes aos grupos étnicos, etnicidades e as identidades étnicas, possibilitando novas formas de pensar a realidade. Entende-se que a busca e produção de conhecimento acerca dessa temática pode gerar instrumentos capazes de superar os preconceitos e obter um melhor entendimento das relações sociais. A sociedade brasileira tem uma diversidade étnica em sua formação, e a evolução dessa sociedade é complexa, entender os fenômenos sociais não é uma tarefa fácil, por isso, é importante estudar as identidades étnicas, reconhecer e valorizar a diversidade que constitui a sociedade brasileira.

A etnicidade refere-se a um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça. (POUTGNAT. STREIFF-FENART, 2011, p.86).

Destaca-se que um enfoque nos estudos das identidades étnicas, presentes em uma teoria dos estudos antropológicos das relações étnicas, é um desafio necessário na busca de explicações a respeito da realidade social. Precisa-se contextualizar a sociedade contemporânea e entender como acontecem os conflitos sociais para compreender e apontar possíveis soluções para os problemas sociais, garantindo a valorização da história de luta e resistência das comunidades remanescentes de quilombos.

Assim, ao correlacionar conceitos, teorias, conhecimentos e diversos processos adquire-se embasamento teórico para a parte empírica da pesquisa de campo, o que é essencial para seguir com a investigação e obter dados que possam embasar o estudo e contribuir com projetos educacionais que garantam um ensino na área de linguagens, representando a realidade das escolas brasileiras, em especial as escolas quilombolas.

No Brasil, uma das formas do racismo antinegro mais arraigadas na alma brasileira é aquela que procura reduzir todas as línguas africanas à condição de “dialetos”. Entretanto, essa formulação racista não tem a menor consistência: um dialeto nada mais é que uma variação que determinada língua apresenta de uma região para outra; ou um falar regional dentro de uma comunidade onde predomina um falar mais amplo de onde aquele se originou. (LOPES, 2012, p.19).

É importante contextualizar a questão da fala que é marca representativa das identidades coletivas e individuais. A investigação de aspectos linguísticos, sociais e culturais, correlacionados na busca de um entendimento acerca da possível relação entre falares africanos

e identidade étnica, possibilita a compreensão melhor da sociedade atual, dos grupos étnicos e suas relações sociais.

Existe, também, uma necessidade de entender o que é linguística. No livro de Ferdinand de Saussure, obra fundamental para todo e qualquer estudo linguístico, tem-se uma definição importantíssima sobre essa ciência: “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...] (SAUSSURE, 2012, p. 37). Essa afirmação destaca a dimensão e amplitude que a Linguística possui enquanto ciência, o que interessa a muitos outros campos de estudos.

A evolução da Linguística possibilitou o estudo de situações sociais e grupos étnicos, permitindo, assim, investigar a realidade social de comunidades quilombolas e de escolas dessas comunidades, para conhecer como essas unidades de ensino estão atuando com os estudos da linguagem, e se estão fazendo essa correlação entre comunidade, escola e a sociedade em geral.

Para sistematizar a pesquisa é necessário a abordagem sociolinguística, um estudo entre Língua e sociedade, investigando as memórias e os legados linguísticos que as comunidades quilombolas e as escolas dessas comunidades possuem, apresentando um trabalho de grande abrangência e objetividade, focando em sujeitos que apresentam sua própria história, sua identidade linguística, partindo do pressuposto das influências africanas, principalmente, na área dos falares. “As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes.” (CALVET, 2002, p.12).

A importância dessa abordagem sociolinguística é pela vinculação da linguagem e sociedade, cada vez mais aprofundando aspectos que possam indicar novas perspectivas de investigação, alcançando resultados relevantes com estudos em comunidades quilombolas.

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (MUSSALIM; BENTES, 2012, p. 33).

No campo da etnolinguística, que é representada pelas áreas da Antropologia e Linguística, um estudo da língua e da cultura concatenadas que demonstra muito conhecimento, partindo das definições de Castro (2001), por um percurso dos estudos Afro-Brasileiros, existe a necessidade de investigar e entender o trajeto de povos e línguas africanas que adentraram no

Brasil, durante quase quatro séculos, em situação de escravidão, e que todas essas culturas e línguas de povos africanos que constituiu e integram a identidade do Brasil, por isso a importância de investigar os muitos grupos étnicos da África, que em situação diaspórica chegaram ao Brasil, influenciando e formando os falares e as identidades.

Segundo Castro (2001), é possível apresentar a classificação das línguas da África e as prováveis línguas que chegaram no Brasil, para melhor entender sobre esse aspecto linguístico africano com relação à sociedade brasileira. Então, para a referida autora, as línguas dos povos da África, os saberes de origens africanas que existem no Português do Brasil, os níveis socioculturais de linguagem e o vocabulário, são elementos que representam a dimensão linguística dos povos africanos que chegaram ao Brasil formando e ressignificando a sociedade brasileira.

No continente africano existe aproximadamente 1.900 línguas partindo da classificação de Greenberg e de Güthrie relatada na obra de GRIMES (1988). Essa relevante informação, que é resultado de muitos anos de trabalho, tornou-se um dado de pesquisa muito interessante, pois possibilita um percurso investigativo metodológico que fundamenta a compreensão das línguas africanas e quais possíveis grupos étnicos firmaram no Brasil e de como foram estabelecidas as relações étnicas, as construções identitárias e a formação coletiva nesse contexto social.

É relevante o entendimento da linguística africana pelo fato da grande abrangência de línguas que são representadas, e pelo contato que foi estabelecido no Brasil durante os quatro séculos de escravidão. Para a realização desse trabalho, buscou-se investigar quais povos africanos; quais grupos étnicos; quais foram as línguas; como essas culturas que chegaram ao Brasil ressignificaram sua cultura e formaram uma identidade linguística, pensar e refletir sobre as comunidades e escolas quilombolas, sobre o negro na sociedade e de como é ser negro atualmente no Brasil. E ainda, quais povos e grupos étnicos chegaram da África, bem como, quais as línguas africanas aportaram no Brasil na vigência do tráfico negroiro.

Na tentativa de entender um pouco sobre essa emblemática situação e contextualizar a questão das línguas africanas no Brasil, o contato linguístico e as diversas culturas oriundas do continente africano destaca-se o livro: “África no Brasil: A formação da língua portuguesa” dos organizadores: Margarida Petter/José Luiz Fiorin (2017), precisamente no capítulo intitulado: “Línguas africanas e português falado no Brasil”, de autoria de Emilio Bonvini.

A segunda reflexão diz respeito às línguas que foram trazidas da África para o Brasil. Qualquer que seja sua identidade e sua antiguidade, trata-

se sempre de línguas desenraizadas de seu nicho ecológico, submetidas, além disso, ao perigo de diversas rupturas. (BONVINI, 2017, p.33).

Conforme, relatado em materiais acerca da temática, não é uma tarefa simples mapear as línguas africanas trazidas ao Brasil durante o período citado, pois, como é consenso dos historiadores em geral, os escravos africanos chegavam de diversos lugares da África e a falta de documentos históricos dificultam a precisão em saber sobre os povos e suas línguas, e por isso é importante ter um certo cuidado para não divulgar dados confusos que não contribua com o trabalho da pesquisa, nem com o entendimento da grande relevância que as línguas africanas tiveram e têm com os nossos falares . A língua quimbundo, que inclusive foi escrita uma gramática e falada no Brasil, sendo afirmada como um documento real do acontecimento linguístico, (BONVINI, 1996).

Uma prova histórica do emprego de uma língua africana, com a qual diversos autores concordam, é a afirmação que no Quilombo dos Palmares era falada uma língua de tipo banto e que essa língua poderia ser o quimbundo. Relata-se também sobre a língua *mina* de povos originários da costa de Benim e situada, grosso modo, entre Gana e a Nigéria. O trabalho “Obra nova de Língua Geral de Mina de Antônio da Costa Peixoto.” (SILVEIRA L., 1945), no qual comprova o uso dessa língua africana no Brasil. No referido capítulo muitas línguas são relatadas como línguas utilizadas em território brasileiro: *caçanje, massanja, choambo, matibâni, nagô ou iorubá, jeje, êuê ou ewe, haussá, kanúri* (língua dos *bornus*), *tapa, nifê ou nupê, língua dos negros gurúnces ou g'runcis*. É informado que muitas dessas línguas sofreram grandes alterações no processo de contato linguístico; isso se deu pelo fato de muitas línguas africanas, as línguas ameríndias e o português, conviverem em uma situação de contato complexa, estabelecendo relações sociais das mais diversas, como por exemplo, quando os senhores de escravos falavam a língua literária do português, e os nativos, as línguas autóctones.

Para contextualizar os quilombos e a educação escolar quilombola, primeiramente de forma geral precisa-se pensar na escravidão no mundo e em particular no Brasil, onde pesquisadores e pensadores, trabalharam na literatura especializada sobre as questões étnicas. Segundo Melo (2021), as questões de identidade, territorialidade e etnia, precisam ser investigadas e pensadas no processo de resistência da ancestralidade negra, no mito da democracia racial, no racismo estrutural e nos movimentos de antirracismo brasileiro e mundial nos últimos anos, refletindo sobre toda essa problemática que envolve questões sociais, econômicas, educacionais e políticas, e assim entender a estrutura social e seus problemas para buscar respostas e soluções na tentativa de estabelecer uma justiça social, que é muito

importante em uma sociedade, principalmente, no caso do Brasil que apresenta uma desigualdade social e uma distribuição de renda irregular e injusta ocasionando fatores de retrocesso social.

A pesquisa realizada por Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, resultou em um trabalho muito interessante sobre os quilombos no Brasil, que possibilitou um entendimento do continente Africano, da identidade étnica e cultural de povos de matrizes africanas, da religião, das diversas comunidades quilombolas existentes pelo país e sobre os quilombos contemporâneos. Conteúdos que revelam a realidade vivida pelo negro na sociedade brasileira; com esse trabalho o autor apresentou como vivem as pessoas nas comunidades quilombolas.

Tratar dos territórios quilombolas no Brasil é perceber como as matrizes concretas oriundas da África foram conservadas e ao mesmo tempo trazer à luz a indicação dos principais problemas para manutenção das sobrevivências e resistências de seus povos. Algumas perspectivas para pensar as populações de origem africana no Brasil devem ser consideradas como forma de enfrentar a questão dos quilombolas. (ANJOS, 2006, p. 168).

A educação escolar quilombola, como uma modalidade de educação básica, tenta promover a qualidade de ensino para o público quilombola, combatendo as injustiças sociais para com o povo negro, possibilitando ascensão social aos povos das comunidades quilombolas. É uma parte fundamental dessa pesquisa, pois destaca a importância de pensar, refletir e discutir sobre esse tipo de educação, visando encontrar meios para que as escolas quilombolas brasileiras possam cumprir com o que é determinado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e, também, com as leis 10.639/03 e 11.645/08, desenvolvendo o interesse pelas temáticas da educação, cultura e das relações étnicas em nossas comunidades e escolas, considerando que o referido estudo busca desvelar as línguas africanas e afro-brasileiras em nossas escolas, pois a relação entre falares africanos e identidade étnica é uma realidade social.

A pesquisa em sua trajetória foi demonstrando a relevância em trabalhar a questão, com o cuidado de demonstrar a diversidade linguística do Brasil, com atenção para as muitas línguas africanas que estão presentes na identidade linguística brasileira.

As dificuldades educacionais nas comunidades são enormes, sobretudo quanto ao conteúdo que não considera as especificidades da cultura quilombola. Mais uma vez um censo nacional poderá traçar um perfil mais claro da gravidade do problema, além de apontar para a capacitação de educadores da própria comunidade. (ANJOS, 2006, p.173).

A escola deve ser um espaço que possibilite a transformação individual e coletiva, por essa razão afirma-se a grande importância que uma escola inclusiva tem em qualquer comunidade, mais ainda considerando a situação dos remanescentes quilombolas, que em sua grande maioria se encontram em situações sociais de vulnerabilidade, as escolas devem ser espaços onde esses sujeitos possam expressar suas identidades e discutir sobre a questão do negro hoje no Brasil, pensando na valorização e ascensão que o povo negro tem direito.

É preciso que as escolas possam colocar em prática o que é estabelecido no Plano de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, possibilitando, assim, uma educação multiétnica e plural, garantindo que os profissionais tenham a devida formação inicial e continuada para trabalharem nessa perspectiva e que concretize o estudo dos saberes e conhecimento do povo negro.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa vinculou-se à área das ciências sociais e humanidades, com método qualitativo de base etnográfica. Para a organização e estruturação do percurso metodológico foi utilizado o livro: “Introdução à pesquisa qualitativa” de Uwe Flick, traduzido por Joice Elias Costa (2009), que de forma detalhada apresenta as etapas e processos necessários para a realização de uma pesquisa qualitativa, demonstrando como fazer um bom planejamento como deve ser a entrada no campo pelo pesquisador, das características etnográficas e da observação participante que é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. A etnografia tem base na observação e uma das suas características é a presença do pesquisador em campo. Para Geertz, a definição de praticar a etnografia vai além de transcrever textos:

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. (GEERTZ, 2008, p. 4).

Considerando que os falares africanos podem apresentar um acúmulo de experiências vividas por um grupo, pretendeu-se com esta pesquisa coletar dados desses falares africanos em um espaço de resistência negra, o quilombo urbano Barro Preto. Os participantes da pesquisa foram os estudantes do colégio estadual Dr. Milton Santos – comunidade quilombola. A escolha desses participantes da pesquisa se deu pelo entendimento de que, os estudantes de uma escola quilombola urbana podem apresentar elementos e fenômenos característicos de falares africanos, em um espaço que abrange muitos grupos étnicos e muitas culturas, propiciando um ambiente interessante de ser pesquisado na área social, considerando as diversas relações étnicas que podem acontecer na localidade.

Explicar esses fenômenos sociais e linguísticos, no entanto, não é, uma tarefa simples. De acordo com Fiorin e Petter (2017), sobre as línguas africanas que foram trazidas da África para o Brasil, conforme anteriormente mencionado: “Qualquer que seja sua identidade e sua antiguidade, trata-se sempre de línguas desenraizadas de seu nicho ecológico, submetidas, além disso, ao perigo de diversas rupturas.” (FIORIN; PETTER, 2017, p. 33). Por esse motivo, além da abordagem qualitativa, essa pesquisa, em relação aos seus objetivos, é também exploratória. De acordo com Lodico; Spaulding; Voegtle (2006):

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte à realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. (LODICO; SPAULDING; VOEGTLE apud PAIVA, 2019, p. 14).

Inicialmente essa pesquisa foi pensada como uma pesquisa de campo, pois o pesquisador deve ir ao ambiente onde os sujeitos praticam seus falares africanos, observar, identificar e coletar as informações sobre o objeto de pesquisa e, assim, investigar as identidades étnicas, as origens e os pertencimentos dos participantes da pesquisa, no entanto, devido a situação pandêmica que se instaurou no país, foi necessário pensar em um modelo de obter os dados com a realização das oficinas de forma virtual (utilizando a ferramenta *google meet*) com as pessoas escolhidas no colégio pesquisado.

É nas manifestações folclóricas e práticas religiosas que os falares africanos podem ser mais demonstrados, podendo ser coletados com naturalidade e originalidade, para que a investigação dos falares africanos e a relação com a identidade étnica seja feita da melhor forma possível. Para encontrar resposta a esses questionamentos, foi feito um levantamento bibliográfico e documental sobre o tema; os passos seguinte foram a observação participante do pesquisador, garantindo uma maior aproximação entre pesquisador e participantes da pesquisa, mesmo que de forma remota; a utilização da entrevista, semiestruturada, que pôde contribuir muito com a pesquisa, por ser um método espontâneo na obtenção de dados; foram realizadas ainda, gravações em áudio e/ou vídeo para obtenção de dados, a fim de garantir a integralidade dos dados apresentados.

Para que a pesquisa tivesse credibilidade e confiabilidade, também, foi elaborado como roteiro, um caderno de campo, que é essencial para o progresso e sucesso da pesquisa. Mesmo com esses métodos e técnicas, destaca-se que o pesquisador precisa ainda do “olhar” atento e investigativo na busca das múltiplas manifestações de uma comunidade, em um período de tempo e em um determinado espaço. É o estudar pessoas em seu próprio ambiente, investigando os falares africanos utilizados por alunos da Escola Quilombola Dr. Milton Santos – comunidade quilombola. Espera-se destacar a memória, o legado e a ancestralidade africana, tantas vezes silenciada e negada pelas forças injustas do eurocentrismo e da branquitude.

“Segundo Dencker e Viá (2003) as técnicas referem-se aos procedimentos concretos empregados pelo pesquisador para levantar os dados e as informações necessárias para esclarecer o problema que está pesquisando” (p.37). Portanto, em pesquisa, as técnicas são

instrumentos para coleta de dados e informações para se chegar a um melhor conhecimento da realidade em estudo. (OLIVEIRA, 2016, p. 57).

Os participantes foram selecionados nas turmas de estudantes do colégio estadual Dr. Milton Santos, que está localizada na comunidade do bairro do Barro Preto, conforme citado, por entender que sua formação é composta por muitas etnias e culturas e que se pode encontrar muitos elementos da ancestralidade africana porventura existentes na localidade. Partindo desse estudo com participantes da escola, foi investigado a possível relação dos falares africanos produzidos pelos interlocutores e suas identidades étnicas.

Acredita-se que a pesquisa pode contribuir para um melhor entendimento da formação das comunidades quilombolas brasileiras, as origens e trajetórias desses povos, os contatos e as relações sociais com outros grupos e a construção de sua identidade. Sendo assim, pretende-se com a investigação das identidades étnicas, em interlocutores da pesquisa que utilizam falares africanos, na comunidade quilombola urbana Barro Preto em Jequié-Ba, apresentar resultados para a compreensão da identidade e do legado africano presente em nossa sociedade, ajudando a elaborar e aprimorar políticas públicas que fomentem a igualdade e justiça social para com os grupos quilombola.

Deste modo, a presente pesquisa não teve como pretensão a transformação do mundo linguístico, mas, apontar para o devido destaque dos falares africanos na língua formal portuguesa aqui no Brasil, além de valorizar o falar e o dizer de uma comunidade, perceber as amostras riquíssimas dos saberes populares e entender como as identidades podem ganhar sentidos através dos próprios falares. Então a pesquisa buscou a sistematização de um conhecimento que sirva de contraponto acadêmico diante do Eurocentrismo, visando à valorização dos legados africanos tão presentes no cotidiano da população e tão “palpável” nas expressões culturais populares.

Ao desqualificar a língua que utilizam e a comunidade à qual pertence, tal processo contribui para a perda da autoestima e a insegurança linguística dos alunos, sem lhes garantir a aquisição do domínio da norma culta, já que ela constitui um quase idioma estrangeiro no grupo social no qual vivem. Tal processo termina contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais. Um locutor que autodesqualifica o falar seu e de sua comunidade, autodesqualifica-se inevitavelmente também como cidadão. (CARBONI; MAESTRI, 2003, p. 31).

Conforme mencionado, foi realizada, inicialmente, a seleção dos participantes para a elaboração de um grupo focal e, dessa forma, construir um grupo de debates e discussões e a partir das provocações, por meio das oficinas realizadas em cinco etapas, intitulada: “Nossos

falares, nossas identidades”. No entanto, com o retorno das aulas presenciais foi possível aplicar as intervenções presencialmente, justificada pela possibilidade de uma melhor e mais precisa coleta de dados para a possível construção de um *corpus* de palavras e/ou fenômenos linguísticos que poderia acontecer durante as oficinas.

Destaca-se que, para a construção em uma pesquisa etnográfica com observação participante, a situação pandêmica foi extremamente prejudicial, pois a pesquisa só pode ser desenvolvida com a interação constante entre pesquisador e participantes, mesmo assim, como consta na revisão de literatura e na metodologia conseguiu-se realizar, em um primeiro momento, através de muito esforço e dedicação, momentos empíricos e de interação para atingir o objetivo e obter os dados necessários para posterior análise, podendo assim chegar aos resultados preliminares, que foram complementados quando tornou-se possível, a partir do relaxamentos das normas sanitárias, ir à campo e assim responder à questão norteadora da pesquisa.

Em se tratando de pesquisa na área educacional, o foco da pesquisa etnográfica está relacionado ao processo educacional, o que necessariamente não implica em se fazer etnografia de grupos sociais, mas, como nos diz a autora já citada, significa adaptar a etnografia à educação. (OLIVEIRA, 2016, p. 73).

4.1 . Jequié, comunidade do Barro Preto e o Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola

Segundo a dissertação de Adriana Cardoso Sampaio (PPGREC/UESB, 2017), uma comissão foi estabelecida para reconhecer a comunidade do Barro Preto como remanescentes quilombolas, isso durante o ano de 2006. Assim, em 13 de março de 2007, a Fundação Cultural Palmares reconheceu o bairro do Barro Preto. A comissão era composta por representantes da Associação de moradores do bairro, representações políticas, professores da UESB, participantes de movimentos sociais, representações religiosas e representantes das escolas locais. No ano seguinte (2008), a direção do então Colégio Estadual Duque de Caxias, após um censo escolar que constatou grande quantidade de estudantes matriculados e moradores da comunidade quilombola recentemente certificada e em conjunto com representantes da comunidade buscaram, o reconhecimento do colégio estadual que, desde então, adquiriu o nome de Colégio Estadual Quilombola Dr. Milton Santos, mais conhecida como Escola Quilombola Urbana Dr. Milton Santos.

A cidade de Jequié, no estado da Bahia, está à 365 quilômetros de Salvador, capital do estado, no sudoeste da Bahia, em uma zona limítrofe entre caatinga e a zona da mata. Uma extensão de 3.227 quilômetros quadrados. Uma cidade que é conhecida, pelos próprios habitantes, como a “cidade sol”, por seu clima quente em quase todo o ano, com temperaturas que podem chegar a 48° C, cercada por montanhas.

O desenvolvimento da cidade deu-se a partir da movimentação da feira livre, que era visitada por comerciantes de todos os cantos da região, no final do século XIX. Antes pertencia ao município de Maracás, entre os anos de 1860 a 1897, quando Jequié, em 25 de outubro, teve sua emancipação política, obtendo, assim, o seu desenvolvimento como um importante centro de comércio, as margens do Rio de Contas, que na época era mais volumoso e cercado por uma extensa mata. Essas informações da cidade de Jequié encontram-se em dois sites: encontrajeque.com.br e cidadebrasil.com.br.

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2021), a população da cidade é estimada em 156. 277 habitantes, com porcentagem de “raça” referida como pardos e negros de 60,3% e 12,5% respectivamente. Informações importantes para entender um pouco sobre a cidade e sua contextualização histórico-social.

Com o propósito de exploração e explicação, a fim de obter uma melhor compreensão do local de pesquisa, foi elaborado um levantamento histórico e atual das informações sobre a comunidade pesquisada e as escolas pertencentes a comunidade quilombola destacando, o Colégio Estadual Doutor Milton Santos, que é o local desta pesquisa. Para esse levantamento foi utilizado o livro: “Comunidades quilombolas: outras formas de (re)existências”, que tem como organizadora a professora Dra. Ana Angélica Leal Barbosa. Na obra destaca-se o capítulo 7, de autoria da Ma. Michelle Gomes Freitas Ferreira e Dr. Benedito Gonçalves Eugênio, sob o título: “Barro Preto uma comunidade urbana remanescente de quilombo: Especificidade, Tradições e Memórias”, que contribuiu em muito, com dados relevantes sobre a comunidade em estudo.

As buscas por informações e dados sobre o colégio e comunidade foram feitas, também, através da tese de Doutorado de Viviane Barboza Fernandes (2017), da Universidade de São Paulo, cujo título é: “O quilombo e a escola de Barro Preto, em Jequié, Bahia. Vicissitudes e sentidos de identidade” e, da Dissertação: “Mulheres Griôs: um estudo etnográfico sobre identidades étnicas e de gênero no quilombo urbano Barro Preto em Jequié-BA” (2017). Escrita e defendida por Adriana Cardoso Sampaio do PPGEREC – UESB. Destaca-se ainda que, para

obtenção de dados e informações acerca da localidade, realizou-se visitas à comunidade e ao colégio, que está situada na área urbana de Jequié-BA, sendo atestada como comunidade remanescente de quilombo.

A comunidade contém 26 ruas, duas praças, aproximadamente, 2066 casas, com 1262 famílias, totalizando 7.130 pessoas. Tem rede elétrica e saneamento básico e, a renda per capita das famílias, é inferior a um salário-mínimo. Esses dados foram coletados na Unidade de Saúde da Família Odorico Mota (2016). De acordo com o livro de registro que consta nessa unidade, existe na comunidade quatro escolas, sendo duas municipais: Padre Antônio Molina e Gercino Coelho que atendem ao Ensino Fundamental e Anos Iniciais, e o Colégio Estadual Doutor Milton Santos, que funciona nos turnos diurno e noturno, com ensino Fundamental II e Médio e a Educação de Jovens e Adultos, além do colégio da rede privada Super Passo, que oferta Educação Infantil e Fundamental I. A comunidade ainda conta com a Creche Municipal, o Sr. do Bonfim.

Uma característica expressiva da comunidade do Barro preto é o sentimento de unidade nitidamente perceptível. Os moradores se conhecem há anos, os seus pais e avós também se conheciam, e assim, várias outras gerações passadas residiram naquela localidade e estabeleceram laços de comunhão, afinidade e pertença étnica que foram transmitidos e vivenciados geração após geração. (BARBOSA, 2020, p. 155).

Esse argumento demonstra um entendimento mais próximo da comunidade, destacando o acompanhamento que os pesquisadores devem ter para a realização de uma pesquisa etnográfica, conhecer e interagir com a localidade e ouvir com atenção as necessidades da comunidade, entender todo o contexto social e o cotidiano dessas pessoas.

4.2. Etnografia/Etnopesquisa-ação no Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola

Com uma metodologia estruturada em etapas e processos que foram necessários para o desenvolvimento do trabalho, foi elaborado um plano metodológico pertinente, capaz de responder a questão norteadora, confirmação ou não das hipóteses e atingir os objetivos que compõem a dissertação. Foi utilizada uma abordagem investigativa qualitativa e exploratória, buscando, de forma crítica e reflexiva, identificar elementos da memória, do legado e da ancestralidade africana, que são expressados pelos interlocutores da pesquisa na escola e na comunidade quilombola urbana. Sobre a observação participante, destaca-se:

Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo. Essa participação pode ser mais intensa quando o pesquisador (a) é parte integrante do grupo pesquisado, ou seja, quando se identifica com esse grupo pelo cotidiano da vida, das ações e aspirações. (OLIVEIRA, 2016, p. 81).

Essa afirmação, ressalta a necessidade interativa entre pesquisador e pesquisados, alertando sobre o quanto é relevante a constante e sensível relação do pesquisador e dos participantes da pesquisa, criando assim, um ambiente de respeito e de confiança, propiciando um trabalho em campo harmonioso. Corrobora com as ideias de Castro (2000), sobre a importância e necessidade de trabalhar uma linguística afro-brasileira reveladora de saberes e legados dos diversos grupos étnicos africanos que fizeram parte da formação inicial do Brasil, em uma época de escravidão. É necessário dar visibilidade, mostrar que até hoje, os falares africanos expressados nas escolas pertencentes de comunidades quilombolas, são compostos das etnicidades e identidades étnicas dos falantes de povos africanos e evidenciam toda uma ancestralidade africana que resistiu e resiste até hoje.

Com o tempo as investigações qualitativas vão ganhando espaço, formas diferentes e diversos tipos com os mais variados métodos e técnicas que constituem uma pesquisa qualitativa. Para esse trabalho modulado na etnografia, que é a estratégia basilar metodológica pela importância do trabalho de campo, foi estabelecida uma interação, entre pesquisador e os participantes da pesquisa, o conhecimento da localidade e da escola pesquisada, a fim de desenvolver o plano de pesquisa e de como proceder a observação participante.

A pesquisa etnográfica contemporânea é caracterizada pela fragmentação e pela diversidade. Há certamente uma profusão carnavalesca de métodos, de perspectivas e de justificações teóricas par o trabalho etnográfico. Existem múltiplos métodos de pesquisa, de análise e de representação. (ATKINSON e colaboradores, 2001, p. 2).

O próprio percurso metodológico seguido pela pesquisa proporcionou uma estrutura definida de: Etnopesquisa-ação “como perspectivamos, é uma ação pesquisante mutualista, compartilhada, onde a ideia de participação está vinculada a uma alteração como é convocada, visando uma transformação social de dentro [...] (MACEDO, 2012, pp. 50-51). Pensar na conectividade com a educação considerando que o principal ambiente da pesquisa é uma escola, por tudo que esse ambiente representa e proporciona. É a reflexão pertinente do processo ensino-aprendizagem, por meio e referenciado pela cultura, que ensina e aprende com a valorização do legado linguístico africano, possibilitando a visibilidade dos nossos falares

africanos e a constatação das nossas identidades étnicas. Um colégio é um espaço de construções e de transformações identitárias, nessa lógica considerando uma escola de comunidade quilombola urbana esse ambiente escolar deve ser caracterizado em sua proposta pedagógica que atenta e cumpra com o que seu público deseja respeitando o que um território quilombola é, um espaço de resistência do povo negro.

4.1.2. Descrição das Oficinas: Elaboração e Aplicação das Oficinas

- **Plano de Aplicação das Oficinas previstas para o desenvolvimento da Pesquisa:**

O objetivo destas oficinas é observar e registrar um possível *corpus* de palavras de origem africana (será utilizado como parâmetro o *corpus* explicitado por Castro, 2001) que, porventura venham a ser expressadas pelos alunos durante o trabalho, obtendo dados de forma empírica para o embasamento da investigação e que ofereça subsídios para legitimar a presença da herança das línguas africanas na comunidade pesquisada. Pretende-se averiguar o vocabulário dos estudantes e destacar se em suas falas é possível encontrar expressões, localismos, regionalismos, modos de falar e de dizer palavras de origem africanas que reafirmem a sua identidade de povo negro.

- **Oficina (etapa 1):** O pesquisador iniciou com uma conversa informal, falando sobre sua experiência na Instituição como aplicador, do Projeto PROERD da Polícia Militar da Bahia e da sua alegria em poder voltar à Escola com um trabalho específico na sua área de pesquisa, aproveitando para falar sobre o trabalho que então se inicia. Realizou uma dinâmica de apresentação (foi confirmado verbalmente com os estudantes a autorização para gravar vídeo e áudio, que foi concedida por eles no Termos de Assentimento).
- **Dinâmica de apresentação:** Cada participante recebeu uma folha de papel ofício e um lápis, devidamente higienizados, e foram orientados a se apresentar ao grupo por escrito, porém, sem colocar o seu nome, apenas descrevendo as suas características físicas e/ou psicológicas através de um pequeno texto. Depois de terminado esse primeiro momento, cada estudante entregou ao pesquisador a sua folha. O pesquisador embaralhou as folhas recebidas, escolheu aleatoriamente uma, fez a leitura do texto e pediu que os estudantes se voluntariassem para descobrir de quem se tratava. O aluno que identificasse o colega

receberia um brinde. Quando o estudante não era identificado por nenhum dos seus pares, ele mesmo se revelava e recebia o brinde.

- **Recursos necessários:** Papel ofício, lápis com borracha, brinde para os estudantes. Ressalta-se que todo material utilizado foi devidamente higienizado e que os estudantes tiveram à sua disposição álcool em gel de uso liberado.
- **Oficina (etapa 2):** Ouvir e/ou assistir o clipe da música: “Canto das três raças” de Clara Nunes. Após a escuta, o pesquisador perguntou se gostaram da música, se já ouviram antes, se sabiam quem cantava, se entenderam a mensagem, se conheciam outra música com a mesma temática. O pesquisador, mais uma vez, distribuiu folhas de ofício aos estudantes. Em seguida, iniciou uma história com a seguinte frase: “Morena de Angola que leva...” e cada estudante deveria acrescentar uma frase à história, contanto que fosse diferente da música. À medida que escreviam a mensagem, entregavam ao pesquisador o papel que o fixava em um mural coletivo previamente confeccionado. Ao final o pesquisador leu o texto que foi montado coletivamente. Num segundo momento o texto do mural foi ocultado e cada aluno se voluntariava para fazer um “teste de memória” recontando a parte que se lembrava do texto lido.
- **Recursos necessários:** Computador com acesso à internet para exibição do clipe musical, folhas de ofício, lápis com borracha, cartolina, cola, fita adesiva.
- **Oficina (etapa 3):** Foi exibido o texto da música “Dandalunda”, interpretado pela cantora baiana Margareth Menezes. O pesquisador solicitou que um aprendiz se voluntariasse para realizar a leitura. Ao final da leitura pelo colega, foram realizados questionamentos aos estudantes como: “Gostam dessa música?” “Conhecem o significado das palavras?” Toda a discussão foi registrada em gravação de áudio, através da ferramenta de gravação de um celular, para posterior análise.
- **Recursos necessários:** Computador com acesso a internet para a exibição do clipe musical e aparelho portátil e celular para a gravação.
- **Oficina (etapa 4):** Exibir aos estudantes o documentário em vídeo: “Quilombo dos Palmares, Alagoas: ser negro x ser quilombola”. Iniciou-se uma discussão informal sobre as impressões que o vídeo lhes causou. Toda a discussão foi registrada por áudio, através da ferramenta de gravação de um celular, para posterior análise. Ao finalizar o momento o pesquisador explicou mais detalhadamente aos alunos sobre o seu Projeto de Pesquisa, informando o título das Oficinas realizadas, coisa que não pôde fazer no início do trabalho, pois, o intuito foi que o pesquisador evitasse divulgar informações

prévias que pudessem causar interferência no resultado da pesquisa. O pesquisador tentou proporcionar um ambiente, o mais próximo possível do cotidiano dos participantes da pesquisa. O pesquisador encerrou a sua participação agradecendo a presença de todos e se colocando à disposição para trabalhos futuros na comunidade.

- **Recursos necessários:** Computador com acesso à internet para a exibição do documentário e aparelho portátil e celular para a gravação.
- **Oficina (etapa 5):** A oficina 5, teve o objetivo de discutir as identidades étnicas, pertencimento e a ancestralidade africana, abordando as línguas e os falares dos grupos étnicos da África que em situação diaspórica e de escravidão foram trazidas para o Brasil, por entender que a linguagem é um componente importante na caracterização identitária individual e coletiva, sendo uma marca da origem étnica. Para refletir sobre essas questões formou-se uma “roda de conversa”, na qual o pesquisador explanou um pouco sobre as temáticas e iniciou a discussão. Para encerrar foi aplicada uma dinâmica: “Um doce para quem disser características da cultura negra (quilombola) que identifica na comunidade e na escola”. Foi confeccionado em seguida um mural coletivo com todas as características que os estudantes disseram. A oficina foi finalizada com a escrita de um pequeno texto produzido espontaneamente pelos aprendizes, com o título sugerido: “Minhas memórias Africanas”, no qual cada participante escreveu um pouco sobre suas recordações e lembranças, após assistir e participar dessa nova etapa da intervenção.

Recursos necessários: material multimídia para exposição de aula, papel ofício, lápis, borracha, cartolina, cola e fita adesiva.

O objetivo da realização dessa oficina foi elaborar um possível *corpus* de palavras de origem africana expressadas pelos alunos durante a apresentação, obtendo dados de forma empírica para o embasamento da investigação e realização de um trabalho que ofereça subsídios para investigar as línguas africanas que contribuíram para a formação da língua portuguesa no Brasil. Afirmando a necessidade de trabalhar uma linguística africana e afro-brasileira nas escolas, oferecendo sugestões metodológicas para um ensino de língua portuguesa mais próximo da realidade dos estudantes de uma escola quilombola. A partir dos falares africanos dos interlocutores da pesquisa e suas identidades étnicas, do compartilhamento e das vivências e experiências trazidas pelos participantes da pesquisa, esperou-se obter a evidência de um contato significativo com os falares africanos existentes na localidade pesquisada. A partir desse trabalho de campo e de posse dos dados obtidos e registrados, realizou-se a verificação,

a partir das teorias estudadas, a fim de demonstrar a importância de estudar as línguas africanas e os falares africanos no Brasil e de como estes resistiram e resistem às tantas formas e tentativas de negação e silenciamento das manifestações culturais e religiosas do segmento social negro.

Para a análise de dados a pesquisa apresentou a hermenêutica de profundidade (HP) como referencial teórico-metodológico, proposto por Thompson (1998). A escolha é pela ampla metodologia oferecida por essa proposta. Essa ferramenta possibilita que o pesquisador analise o objeto pesquisado e o contexto sócio histórico, conferindo uma característica crítica da pesquisa, incluindo as diversas formas de análise complementares em um processo interpretativo e reflexivo para compreender situações sociais.

Uma pesquisa que por sua estrutura, objetivos e instrumentos investigativos utilizados é de fato qualitativa, desenhada por um viés etnográfico, e com características de pesquisas exploratórias, considerando sua parte da revisão de literatura sobre a temática como pesquisa-ação, já que esse trabalho busca encontrar soluções para problemas na área das linguagens e em relação ao trabalho dos docentes, sobre os falares africanos e identidade étnica dos estudantes, as relações sociais, o dia a dia na escola e comunidade pesquisada, e as intervenções aplicadas e a pesquisa participativa que exige um bom nível de compromisso do pesquisador com o ambiente no qual trabalha e desenvolve sua pesquisa.

5. TRABALHO DE CAMPO: UM DIÁRIO ETNOGRÁFICO

A pesquisa conta com um caderno de campo que registrou a partir das intervenções e das oficinas realizadas (que estão descritas no capítulo anterior) as participações, os acompanhamentos, eventos ocorridos no colégio ou na comunidade que tiveram conexão com a pesquisa desenvolvida. Um diário de campo no qual foi registrado cada etapa e processo do momento empírico do trabalho. Uma ferramenta essencial para entender o ambiente de pesquisa e de como proceder a interação com os interlocutores. É a elaboração de um plano de pesquisa para saber quais métodos e técnicas utilizadas e, também, como o pesquisador pode e deve agir no campo e como reagir os possíveis obstáculos e interferências comuns em um trabalho de campo.

A etnografia, no seu sentido mais pleno, só passou realmente a existir quando os pesquisadores tomaram consciência que o seu olhar e que o seu trabalho de campo são partes indispensáveis dentro do processo de pesquisa. (MACEDO, 2012, p. 81).

Primeiramente buscou-se observar o local da pesquisa, verificando o dia a dia do colégio e suas práticas pedagógicas, projetos e o funcionamento geral do colégio pesquisado. Aproximar e compreender o ambiente que é o objetivo principal inicial. Percebeu-se que no colégio são desenvolvidos projetos que abordam a temática Quilombola e do Negro, trabalhando conceitos de Quilombo, da história do bairro, a inclusão das aulas de capoeira, clubes de leitura de autores negros e oficinas ocorridas na semana da consciência negra e a disciplina ofertada pelo colégio: “Protagonismo estudantil no combate ao racismo”, fatores que serviram para entender o cotidiano do colégio. Foi perceptível que existe uma preocupação da equipe pedagógica e dos professores em trabalhar com os temas citados de forma contínua e, também, um grande interesse por parte da maioria dos estudantes em aprender sobre as temáticas quilombolas e do negro em geral; esses estudantes demonstram muito orgulho de estudar em um colégio de uma comunidade quilombola o que evidencia o sentimento de pertencimento e a própria questão da identidade étnica.

O fato mais importante que foi observado e registrado no caderno de campo e que atinge o ponto principal do trabalho de campo etnográfico, foi a realização das intervenções que possibilitou aos estudantes de um colégio quilombola urbano participar de uma proposta pedagógica na área de linguagens que contempla a realidade linguística desses estudantes. Proporcionando aprender sobre as línguas africanas, o continente africano e seu contexto

histórico, linguístico e cultural. As situações de contato linguístico entre língua portuguesa, línguas africanas e línguas autóctones (indígenas). Para que esses participantes reconheçam a realidade da nossa identidade linguística que é formada e constituída por diversos grupos étnicos africanos.

A participação em uma roda de leitura marcou o primeiro momento participativo do pesquisador em campo que no dia 01/05/2021 (sábado) à tarde, na comunidade quilombola urbana do Barro Preto, no espaço da Escola Municipal Padre Antônio Molina com o tema: “A tradição oral da comunidade quilombola do Barro Preto” promovido pela prefeitura de Jequié através da secretaria de Cultura e Turismo, evento que possibilitou aproximação e interação com a comunidade. Na oportunidade o pesquisador Geroncio Silva Barbosa e sua pesquisa foram apresentados aos participantes; o pesquisador também teve a oportunidade de conhecer a presidente da Associação Quilombola do Barro Preto (ABEQUI), Manuela de Jesus Ribeiro, dentre outras pessoas de destaque, representando a comunidade.

O pesquisador, nos trabalhos que buscam a compreensão e “descrição densa” de contextos culturais, deve adotar uma perspectiva aberta e vinculante, permitindo que o próprio campo “fale” e que a vivência nele possibilite as pistas dos melhores caminhos para o trabalho etnográfico. (MACEDO, 2012, p. 83).



Fonte: Acervo próprio. (2021)

As visitas a partir de agosto de 2021, puderam ser realizadas presencialmente no colégio, e foi possível explicar a pesquisa e, principalmente, a realização das etapas da oficina; pôde ser realizada uma maior interação com a direção, coordenação pedagógica, professores e funcionários da escola. Essa é a definição do melhor método para orientar a coleta dos dados e de como definir o público alvo, os participantes da pesquisa e a melhor forma de conduzir as intervenções. É importante destacar que as oficinas foram elaboradas de forma interativa: as ideias foram discutidas com a Professora Orientadora, Pesquisador, Corpo Docente do Colégio, Funcionários, Coordenação Pedagógica e embasado em um trabalho de campo realizado por Valdene Moura Lopes (PROFLETRAS/UESB, 2019). Os momentos de visitas proporcionaram muito aprendizado, além de aprofundar o entendimento do colégio e da comunidade. Interação que permitiu aproximação e um elo de parceria e confiança entre pesquisador e o público do colégio.

Um evento de grande relevância promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo de Jequié-BA, foi a realização do Projeto Folclore e Saber Popular, evento ocorrido no dia 21/08/2021, na Praça Duque de Caxias, em frente à igreja Senhor do Bomfim, no entorno da comunidade. Com a apresentação de capoeira, terno de reis, cordelistas, apresentações musicais, contações de histórias e outras. Com uma participação bem efetiva da comunidade e com a presença de muitas autoridades locais, o evento foi marcado por muito sucesso. Para produzir um trabalho qualitativo de base etnográfica que foi proposto, era fundamental que o pesquisador participasse e interagisse com o público do colégio, considerando que professores e estudantes do colégio que está sendo pesquisado estavam presentes no evento, e a própria comunidade do Barro Preto e áreas próximas, em um momento de muita alegria e exposição das artes locais, considerando que nessas manifestações do público expressa de forma espontânea seus falares, garantindo ao pesquisador observar a existência de palavras e expressões de origem africana.

O convite e participação no I Seminário Saberes Culturais dos Terreiros, evento do projeto: Saberes e fazeres dos terreiros, promovido pela atual gestão municipal de Jequié e a Secretaria de Cultura e Turismo, realizado na semana de 27/09/2021 à 30/09/2021, Seminário que apresentou muitos temas sobre a cultura e o legado africano e a discussão e reflexão da identidade afro-brasileira, foi debatido por todos os participantes do evento que aconteceu no Centro de Cultura da cidade de Jequié - BA. Na oportunidade, foi apresentado ao público aspectos da pesquisa em desenvolvimento, contextualizando a temática: identidade étnica e falares africanos. Na apresentação foi realizada a explanação dos conceitos de identidade étnica

e uma exposição das línguas africanas que influenciaram a constituição do português brasileiro. Aproveitando o momento o pesquisador também apresentou ao público alguns resultados preliminares da oficina: “Nossos falares, nossas identidades”. Foi um momento muito importante, pois, o público participou com comentários, elogios, ideias e sugestões para o trabalho, o que motivou muito a seguir com a pesquisa.

Um grande destaque do trabalho de campo foi a realização do Minicurso: “Identidades Étnicas e Pertencimento nos Quilombos: uma aproximação extensionista” componente de avaliação da disciplina “Estágio de Docência”, ministrada pelas professoras Dra. Luzia Wilma Santana da Silva e Dra. Ana Angélica Leal Barbosa. A elaboração, planejamento e aplicação, permitiu uma experiência de campo, fundamental para os estudantes de mestrado. Em constante interação com o público escolar, foi possível ouvir e acompanhar o dia a dia da escola de forma atenta, buscando entender as dificuldades existentes e relatadas pela coordenação pedagógica, professores e funcionários para tentar contribuir com a constituição de um colégio em uma comunidade quilombola.

O trabalho de campo é o maior destaque da pesquisa e como foi realizado e conduzido é que vai definir e modelar a estrutura metodológica do trabalho. É desenvolver sensibilidades para desenvolver pesquisa e saber registrar o que é relevante de ser pesquisado, saber situar-se em campo, entender como é a realidade do local pesquisado. Assim, observar, interagir e participar com os interlocutores da pesquisa.

6. SOBRE OS DADOS COLETADOS

Em seus aspectos éticos a pesquisa de título: Os falares africanos e identidade étnica de estudantes do Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola em Jequié-BA, que foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CAAE: 46859621.6.0000.0055), recebeu o parecer de aprovação, após, a resolução de algumas pendências que foram acatadas pelo autor e, o projeto sendo deferido pelo colegiado do Comitê de Ética da UESB. A necessidade de realizar oficinas e intervenções no Colégio Estadual Doutor Milton Santos, com estudantes do 9º e 1º ano, exigia o cumprimento das normas em acordo com a resolução N° 510, de 7 de abril de 2016. Após a aprovação pelo CEP é que foram realizadas as oficinas: “Nossos falares, nossas identidades”. A coleta dos dados aconteceu mediante autorização dos participantes, de seus respectivos responsáveis e da direção do colégio; os procedimentos realizados foram necessários e importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Conforme mencionado, a coleta de dados foi realizada no Colégio Estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola, na cidade de Jequié-BA, nos dias 26, 27, 30 e 31 de agosto do ano de 2021, com as turmas do 9º ano B e 1º ano A turno matutino, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente. Após a qualificação do projeto realizada na data de 16/12/2022 (PPGREC), foi sugerido pela Banca, uma 5ª intervenção para finalizar o trabalho de campo, pois, segundo os examinadores, o acréscimo de mais uma etapa possibilitaria o aprofundamento da análise da pesquisa, dessa forma, foi inserida uma nova oficina e concluído o processo de intervenção, com a realização de uma aula expositiva acerca das línguas e falares africanos. Foi utilizada novamente, a técnica do mural coletivo, por ser um recurso que surtiu efeito na aplicação anterior.

A cada momento que o mural coletivo foi utilizado, ele foi manejado de maneira diferente para coadunar com a atividade proposta. Nessa oficina foi realizada uma atividade espontânea na qual cada participante foi convidado, a escrever um pequeno texto sobre suas memórias africanas, oficina aplicada nas datas 26 de maio de 2022, no turno matutino, com os mesmos estudantes que participaram das etapas anteriores, porém, agora já matriculados em séries do 1º e 2º, respectivamente, (usada antes no 9º e 1º anos). Na oportunidade uma turma do noturno do Ensino Médio Regular, composta de estudantes do 1º e 2º ano, também, foram convidadas a

participar da oficina, então, em 01 de junho de 2022, essa oficina foi aplicada nessa turma do noturno que cursava a disciplina “Protagonismo estudantil no combate ao racismo”.

Durante os turnos matutino, vespertino e noturno, quando ocorreram as intervenções no colégio, foi possível coletar dados para a construção de um “corpus” de palavras e/ou expressões linguísticas relevantes para serem analisadas, a fim de encontrar uma possível resposta para o seguinte problema de pesquisa: Qual a relação das identidades étnicas com os falares africanos utilizados na comunidade quilombola urbana do Barro Preto em Jequié-Ba?

Na dinâmica de apresentação, cada participante foi convidado a descrever em uma folha de papel em branco, de maneira anônima, suas próprias características físicas e/ou psicológicas. Em seguida, colocaram os papéis em uma caixa, que foi sorteada e lida pelo professor, para que os colegas tentassem descobrir de quem se tratava.

No mural coletivo foi registrado palavras e expressões escritas, após a exibição do clip musical da cantora Clara Nunes: “Morena de Angola”, oportunidade na qual os estudantes utilizaram a imaginação, e o que conheciam sobre suas origens, para completar a frase: “Morena de Angola que leva o chocalho...”. Dessa forma, foi possível fazer o registro das frases escritas espontaneamente pelos estudantes.

A descrição das características também foi muito interessante. Na oportunidade alguns estudantes identificaram sua cor como preta e que seu cabelo “não era bom”, características apresentadas como elementos do povo negro em situações de conflito. Os textos escritos por esses estudantes sobre suas origens africanas, revelaram um pouco da vida de cada um na perspectiva negra e quilombola. Foi interessante ler esses escritos representando as memórias relatadas, que evidenciam a importância de um colégio na comunidade quilombola e do próprio interesse em estudar em um colégio com essa característica específica, que busca contemplar os valores e saberes originários de povos africanos.

Com a realização da oficina: “Nossos falares, nossas identidades”, estabelecemos uma conexão entre teoria e prática, com a finalidade de encontrar possíveis respostas para a questão-problema e para confirmar, ou negar, a hipótese levantada em relação ao tema da pesquisa. Foi observada uma participação efetiva e espontânea dos estudantes, demonstrando interesse pelas atividades apresentadas, solicitando inclusive, que a oficina continuasse sendo realizada em outros dias.

Foi possível ouvir os falares e as expressões espontâneas dos participantes e, com a utilização de um gravador portátil, conseguiu-se coletar as seguintes palavras que constam no livro de Castro (2001), como sendo de origem africana: *Angola, Batuque, Cachaceiro, Cambada, Ginga, Macumba, Roça, Samba, Lá ele*. O gravador foi um importante instrumento utilizado, pois com ele foi possível registrar os falares e as expressões orais, de forma espontânea, dos estudantes em seu próprio ambiente escolar, a partir da provocação das atividades da oficina.

E ainda algumas palavras que não constam no vocabulário exposto no livro de Castro (2001), mas que são palavras reconhecidas do contexto africano: *Olodum, Pelourinho, Rebolecho e Turbante*. Percebeu-se como fenômeno linguístico a expressão da dupla negação falada pelos estudantes de forma repetitiva e constante: “Não sei não”, expressão que a Yeda Pessoa de Castro afirma ser de origem banto ou yorubá.

Os dados coletados foram expressados espontaneamente pelos estudantes durante as oficinas e analisados segundo os vocabulários de Castro (2001) e Lopes (2020), como também, de dicionários tradicionais do português. Em concatenação com os pressupostos teóricos levantados e estudados para embasamento e fundamentação da pesquisa, para a efetiva análise, foram realizadas discussões do *corpus*, destacado empiricamente, analisando cada termo, expressão, e o contexto dos interlocutores da pesquisa em um ambiente escolar. Conforme mencionado, para analisar as palavras e expressões foram utilizadas como referência inicial Castro (2001), estabelecendo uma comparação com Lopes (2020). A análise das palavras, também, foi conduzida pelo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira.

Quadro 2: Análise comparativa dos dados

Palavra: Angola

Segundo Castro (2001):

(banto) (°BR) – s. País do Sudoeste da África na costa do Atlântico de povos do grupo linguístico banto, entre os quais se destacaram no Brasil os de fala quimbundo, quicongo e Umbundo. Sua capital Luanda aparece frequentemente invocada em cânticos litúrgicos e folclóricos sob a forma Aruanda. Cf. Capim – d(e) – angola, capoe(i)ra – angola, galinha – d’angola, ervilha – d(e) angola. Ver angolano, angolente, angole(i)ro. Kimb. Ngóola/Ángoola, título soberano dos territórios que os portugueses conquistaram no século XVI e denominaram de Angola.

Segundo: Lopes (2020):

s. 2 gên. (1) Angolense; negro; banto.// s. f. (2) Galinha-D’Angola. (3) Modalidade mais tradicional do jogo da capoeira. (4) Uma das nações CANDOMBLÉ: nação angola. De *Angola*, topônimo que, por sua vez, se origina do quimbundo *Ngola* “nome do primeiro rei dos angolenses, ao qual atribuem estes as doutrinas que fixaram seus usos e costumes” (ALVES, 1951 b, p. 945). O vocábulo ganhou a

acepção de título real (soberano, monarca) e passou a preceder o nome de todo rei dos ambundos, como Ngola Kiluanji, Ngola Kanini etc.

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira

É possível referir-se a usos populares, por extensão semântica: “angola” como referência a ancestralidade ou coragem. Ex: “E aí, Angola? ”. E pode ser usado a quem nem é capoeirista nem integra linha religiosa vinculada a angolas. Era possível esse uso em Salvador, muito equivalente a “e aí, África? ”, “E aí, negritude?”, “E aí, malungo?” ...pode existir outras expressões.

Percepções do Pesquisador: Foi perceptível nas falas que os participantes expressarem o vocábulo com sentido de origem e pertencimento. Um respeito pela palavra que para eles representa algo muito significativo.

Palavra: Batuque

Segundo Castro (2001):

(FB) (°BR) – s.m. Ruído, som muito forte; ação de fazer ruído com batimentos rítmicos. Cf. baticum. Ver batuca(r). Kik./Kimb.vutuki(la) + Port. Bater.

Segundo Lopes (2020):

s. m. (1) Designação comum a certas danças afro-brasileiras. (2) Batucada. (3) O ato de batucar (BH). (4) Culto religioso afro-gaúcho. Etimologia controversa. Para Nascentes (1966), é deverbal do port. bater. Para Ribas (1979) b, p.214) trata-se de “fusão deturpada da expressão quimbunda bu-atuka (onde se salta ou se pinoteia)”. Raymundo (1933 a, p. 106) escreveu: “É bailado originário de Angola e do Congo, mas, em que pese a opinião do Cardeal Saraiva, não lhe chamavam os negros batuque, mas os portugueses; a dança é feita com cantos em que entra a expressão *Kubatuku*, nesta casa aqui. Daí, proveio batucu, alterado em batucum e bateu, já por influência do verbo português bater.” Cp., no quimbundo, o verbo *tuka, saltar. Teríamos, então, uma etimologia para dança e outra para o ato de percutir o tambor?

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira

Esse falar tem certas particularidades linguísticas atestadas no falar corrente do próprio *povo-santo* e na LP. Entre elas, destacam-se a redução relativa a distinções de número e ao emprego de *ideofones*. Esses de uso geral nas línguas bantos, podem ser descritos como formas de substituição para exprimir certos sentidos de uma maneira diferente dos da linguagem corrente, um tanto próxima das onomatopéias no que diz respeito ao aspecto fônico, mas que exprimem ideias bem delimitadas, como as outras categorias de palavras, e não simples imitações de ruídos “ (YEDA). In: Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro.

Percepções do Pesquisador: Nas falas dos estudantes a palavra era utilizada em um contexto musical e de dança.

Palavra: Cachaceiro

Segundo Castro (2001):

(FB) (°BR) – s.m. O que é dado ao exagero de bebidas alcóolicas ou a beber cachaça + Port. eiro. Ver quiambutê.

Segundo Lopes (2020):

Adj. e s. m. (1) Que é dado ao uso excessivo de CACHAÇA ou outra bebida alcoólica. // s. m. (2) Árvore da família das rutáceas. (BH). De cachaça.

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

A palavra cachaça – sua origem, seu percurso ao longo do tempo e as diversas denominações populares à bebida.

Podemos observar não só o nome “cachaça” incorporado à cultura brasileira do século XVII como, também, é ressaltado o valor dessa bebida como papel moeda, taxada pela metrópole portuguesa.

Por se tratar, de um produto cuja origem remonta às senzalas nordestinas, sem prestígio social e, conseqüentemente, linguístico, o verbete “cachaça” começa a figurar em dicionários de língua portuguesa somente em fins do século XVIII. Antes disso, esse vocábulo não se encontra registrado; nem mesmo na grande obra do padre Raphael Bluteau, intitulada *Vocabulário portuguez e latino* – constituído de oito volumes impressos sucessivamente em diferentes oficinas e anos de 1712 a 1721. Segundo o Dr. Maximini Maciel (“Gramm. Descr. Da Língua Portuguesa”, 5ª ed. De 1914, pág.244) cachaça é termo africano introduzido pelos escravos nos engenhos de canna do Brasil, no que, aliás, está acordo J. de Sguier, quando em seu Dicc. Cit. (1ª parte) refere o nome *kacháçu* como sendo de uma bebida dos negros de Moçambique; e para outros, é um puro brasileiro em que pese a autoridade do Dicc. Port. do nosso Moraes e Silva, que se apoiou no poeta setecentista Sá de Miranda, para dar ao termo “cachaça” foros de vernaculidade. (SENNA, 1926, p. 279)

Percepções do Pesquisador: Um vocábulo falado com naturalidade, demonstrando confinidade.

Palavra: Cambada

Segundo Castro (2001):

(FB) (°BR) – s.f. corja, agrupamento de pessoas; penca, enfiada de coisas penduradas no mesmo gancho, cordel, etc. Cf. cambá. Kik./Kimb. Kamba + Port. – ada.

Segundo Lopes (2020):

s. f. Súcia, corja (BH). Controverso: Nascentes (1966 b) deriva de céltico. Nós vemos o étimo no quicongo, tropa, bando, grupo, tribo. Cp. Cambá [1]

Segundo: Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira

Kamba: Companheiro/Amigo, do quimbundo.

Percepções do Pesquisador: Nas falas esse vocábulo era expressado com a referência à grupo; percebemos essa preferência em utilizar essa palavra o que destaca a presença do quimbundo na palavra com algumas alterações, mas o valor semântico e também sua estrutura é mantida e utilizada.

Palavra: Ginga

Segundo Castro (2001):

(banto) (°BR) – s.f. Ver jinga (ortografia correta)

JINGA

(banto) (°BR) – s.f. (dicionarizado ginga). Tipo de caneco usado nos engenhos para baldear o caldo de cana. Kik. Tsinga, pequena cabaça usada como caneco.

Segundo Lopes (2020):

[1] s. f. Bamboleiro, GINGAÇÃO (AN). Deverbal de GINGAR.

[2] s. f. Remo que se usa para fazer a embarcação GINGAR (BH). (2) Caneco de folha de flandres que, preso a uma vara longa, é usado, nos engenhos, para mudar a GARAPA de uma tacha para outra (RN). Buarque de Holanda (FERREIRA, 1986 a) reúne as três acepções de ginga numa mesma entrada. Entretanto, acreditamos que as duas aqui reunidas possam ter origem no quicongo *ngenga*, vareta que é usada para sustentar uma armadilha.

[3] s. f. Sacerdotisa do culto OMOLOCÔ, Abon. : “GINGA – Termo usado por Tancredo (...) talvez por influência da lendária Princesa JINJA (sic) que reinou por longos anos naquela região após haver destronado seu irmão” (PERNAMBUCO), 1989 c, pág. 70) Q. v. em GINGA MBANGI.

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

Como origem africana, há relação com o povo “jinja”.

Percepções do Pesquisador: Era utilizado pelos estudantes com o sentido de “jeito de ser”. Para esses participantes é uma característica deles. É importante fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre essa relação.

Palavra: Macumba**Segundo Castro (2001):**

(banto) (°PS) – s.f. Denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base congo-angola que incorporaram orientações ameríndias, católicas e espíritas com predominância do culto ao cabloco e preto-velho. Prevaleciam no Rio de Janeiro e ainda hoje nas zonas rurais. C.f. candomblé, umbanda, Kik./Kimb. makuba, reza, invocação.

2. (°BR) – s.f. Sessão de feitiçaria de magia – negra; despacho. Ver quimbanda Cf. macumbe(i)ro.

3. (°BR) – s.f. denominação popular das manifestações religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro e em zonas rurais de várias regiões brasileiras.

Segundo Lopes (2020):

[1] s. f. designação genérica dos cultos afro-brasileiros e seus rituais. (2) Audácia, ousadia (SC). O vocábulo é de origem banta mas é de étimo controverso. Algumas hipóteses o relacionam ao quimbundo *macumba*, pl. de *dikumba*, cadeado, fechadura, em função das “cerimônias de fechamento de corpos” presentes nesses rituais. Mas a origem parece estar no quicongo *macumba*, pl. de *Kumba*, prodígios, fatos miraculosos, ligado a CUMBA, feiticeiro. Slenes (2007 b) liga a origem do vocábulo ao que chama “constelação Kumba”, i.e., ao grande número de significados do termo quimbundo *Kumba*, alguns integrando o universo do JONGO, aí sugerindo macumba (“grupo de poderosos”), como uma das possibilidades etimológicas.

[2] s. f. Espécie de reco-reco (BH). Do quimbundo *mukumbu*, som, provavelmente.

[3] s. f. (1) Cada uma das filhas de santo de terreiros de origem banta (OC). (2) O mesmo que MACUMA (JR). Do bundo *Kumba*, conjunto de domésticos, serviçais, escravos; família, morando dentro do mesmo cercado (ALVES, 1951 b).

[4] s. f. espécie de antigo jogo de azar. Abon.: “A imprensa chama a atenção da polícia para o vício do jogo. E as autoridades perseguem os praticantes do gabizo e da MACUMBA efetuando várias prisões na Rua da Lampadoza” (RENAULT, 1982 c, p. 51). De origem banta.

[5] s. f. MACONHA. Abon. : “Entre outros, a erva conhecida no Rio de Janeiro – segundo Manuel Quirino – por pungo e por macumba na Bahia; e em alagoas por maconha” (FREYRE, 1975 c, nota 73, p. 393). Erro de transcrição?

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

Macumba (do quimbundo: ma’kôba) é um instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao instrumento reco-reco.

No Brasil, por meio de um processo de ampliação de sentido, o termo “macumba” (e o derivado “macumbeiro”, originalmente o “tocador de macumba”) passou a referir também, de forma pejorativa, às oferendas religiosas ligadas as religiões de matrizes africanas.”

Percepções do Pesquisador: Nas falas os participantes expressavam com o sentido pejorativo, mas também falavam com o sentido de manifestação religiosa afro-brasileira.

Palavra: Roça**Segundo Castro (2001):**

(FB) (PS) – s.f local onde se encontra o terre(i)ro. Ver roça(r). Cf. Port. roça, terreno coberto de mato ou de pequena lavoura, afastado do centro urbano.

2. (BA) – exp. “faze(r) roça”, explorar, remanchar; “fazer-se da roça” manter-se ingênuo para adquirir um benefício, explorar uma situação.

Percepções o Pesquisador: Nas falas percebemos a ideia de lugar de origem, lugar de morada representada de forma saudosa pelos falantes.

Palavra: Samba**Segundo Castro (2001):**

(banto) 1 (PS) s.f.título de mameto. Ver samba-Diamongo. Var. semba. Kik./Kimb. nsamba.

2. (PS) – s.m. cerimônia pública de macumba. Kik./Kimb. (Ku) samba, rezar, orar.

3. (°BR) – s.m. dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança. Cf. modalidades: samba-canção, samba-de-breque, samba-miúdo, sambão, samba-de-partido-alto, samba-de-roda, samba-de-umbigada, samba-enredo, sambaduro. Kik./Kimb. samba/semba.

4.(°BR) – s.m.(p.ext.) festividade barulhenta acompanhada de dança; qualquer cerimônia pública, religiosa, afro-brasileira; confusão, barulho, briga.

Segundo Lopes (2020):

[1] s. m. Nome genérico de várias danças populares brasileiras; p. ext. a música que acompanha cada uma dessas danças; modernamente, expressão musical que constitui a espinha dorsal e a corrente principal da música popular brasileira. Teodoro Sampaio (1987 b), sábio afro-baiano, dá origem do termo, a partir de Batista Caetano, o tupi çama ou çamba, “cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo: a dança de roda”. No entanto, a roda das danças do tipo samba não comporta mãos dadas, e, sim, mãos batendo palmas, sendo sua característica essencial a umbigada ou a simulação dela. Observe-se que o léxico da língua *cokwe*, ou *tchokwe*, do povo quioco, de Angola, registra um verbo samba, com a acepção de “cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito” (cf. BARBOSA, 1989 b). No quicongo, vocábulo de igual feição designa uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito de outro (cf. LAMAN, 1964 b). E essas duas formas originam-se da raiz multilinguística semba, rejeitar, separar (q. v. ALVES, 1951 b), remetendo ao movimento físico produzido na umbigada, que é a característica principal das danças dos povos bantos, na África e na Diáspora. Q.v. também o bundo * samba, ferver, estar em ebulição; e o quimbundo * samba, rezar.

[2] s. m. Saquinho de pano ou cestinho de bambu que se coloca à boca dos bezerros ou cabritos para desmamá-los (MM). Do quimbundo samba, cesta.

[3] s. f. (1) Em antigos terreiros bantos, sacerdotisa com as mesmas funções da equéde dos terreiros nagôs. (2) Em terreiros bantos atuais, filha de santo, iaô. (3) Em alguns terreiros de UMBANDA, auxiliar de mãe de santo ou da mãe pequena (OC). Do quimbundo samba, pessoa que vive na intimidade de alguém ou faz parte da sua família; cortesã, dama da corte.

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

Provavelmente, uma derivação do quimbundo semba, que significa umbigada, ou do Umbundo samba que significa estar animado ou estar excitado. Há também quem afirme que a palavra tenha sua ligação com a língua luba e com outras línguas bantas, nas quais samba significa pular ou saltar com alegria. (DICIONÁRIO FOLHA)

Percepções do Pesquisador: Vocábulo expressado repetitivamente com sentidos de festa e alegria pelos estudantes, demonstrando uma familiaridade com a palavra e o que ela representa.

Palavra: Lá-ele

Segundo Castro (2001):

(FB) (BA) -exp. Ver afu. Cf. Port. lá ele do lado dele, do lado de lá.

AFU

(banto/Kwa) (PS) – exp. Dita após pronunciar o nome de uma pessoa morta, equivalente à expressão popular lá-ele, que é acompanhada pelo gesto de bater com os nós dos dedos em algum objeto de madeira, a fim de isolar a possibilidade de uma corrente negativa que atraia a morte. Ver efô. Cf. acu. KIK./Kimb. afwa, exorcisar/ Fon (a)fún, bater sobre um objeto duro para isolar azares.

Percepções do Pesquisador: É importante destacar que essa palavra tem um contexto histórico de sentido interessante, os estudantes expressam com a ideia de evitar algo ruim, que como é destacado por castro (2001) tem uma relação com as línguas bantas.

Palavra: Não sei não

Percepções do Pesquisador: Expressão de dupla negação. Segundo a pesquisadora Yeda Pessoa de Castro (Revista Histórica da Biblioteca Nacional, 2015) essa expressão é “linguagem popular do Brasil” de origem africana que influenciou a Língua Portuguesa do Brasil.

Essa expressão foi muito falada pelos estudantes. É um termo que demonstra essa relação do falar com a identidade linguística africana. Existe a necessidade em aprofundar o estudo sobre essa expressão, pois encontramos alguns materiais que remontam a origem dessa expressão, que caracteriza o nosso falar.

Palavra: Olodum

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

Olodum é uma palavra de origem yorubá e no ritual religioso do candomblé significa “Deus dos deuses” ou “Deus maior”, Olodumaré, não representa um orixá, mas, o Deus criador do Universo. Olodumaré (em iorubá: Olódùmarè), na religião iorubá e nas afrodescendentes, é o ser supremo, que vive numa dimensão paralela à nossa, conhecida como Orum. Por isso, também é aclamado como Olorum.

Percepções do Pesquisador: Essa palavra não consta no vocabulário de Castro (2001) nem de Lopes (2020), mas era pronunciada pelos estudantes e sabemos que representa contextos africanos. Verificamos em dicionários tradicionais da língua portuguesa.

Palavra expressada com a ideia de lugar dos negros; nas falas percebemos essa caracterização da palavra com um espaço dos negros.

Palavra: Pelourinho

Segundo: Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

“Pelourinho” vem do latim PILA, “coluna, pilastra, pilar”. Inicialmente, era uma coluna à qual se atavam os escravos para castigo.

Percepções do Pesquisador: Essa palavra não consta no vocabulário de Castro (2001) nem de Lopes (2020), mas era pronunciada pelos estudantes e sabemos que representa contextos africanos. Verificamos em dicionários tradicionais da língua portuguesa.

Falada com o mesmo sentido da palavra anterior um lugar, um espaço, porém, com uma referência ao escravo, específico do escravo.

Palavra: Rebolecho

Segundo Prof. Dr. Silvio Roberto Santos Oliveira:

Rebolution é um estilo de dança eletrônica.

Rebolution é som que se dança “rebolando”.

O Rebolution não é Psy, Rebolution é simplesmente Rebolution, um estilo único.

É um estilo que antigamente não era tão conhecido, não era modinha como agora virou. Muitos adolescentes ultimamente estão usando o Rebolution como um status na sociedade jovem.

Existe uma origem portuguesa que se apropria da derivação em inglês, que é meio jocosa. Vem de REBOLO: dar voltas, saracotear. É uma apropriação interessante. ECHO é abasileiramento de ATION.

Percepções do Pesquisador: Castro (2001) e Lopes (2020) não apresenta em seus vocabulários essa palavra, mas, a que originou são destacadas em seus vocabulários: que é a palavra rebolecho que significa grupo étnico banto. Como a palavra vem de rebolecho que segundo Lopes (2020) é de um grupo étnico africano de escravos que vieram para o Brasil, o vocábulo ganha esse destaque para ser analisado, pois durante as intervenções era uma palavra que os participantes falavam. É um termo que também pode ser investigado para o entendimento dessa relação dos falares com a identidade étnica que é o objetivo principal da pesquisa. Pronunciada com a ideia de estilo de dança.

Palavra: Turbante

Percepções do Pesquisador: Do Turco TÜLBEND, do Persa DURBAND, o nome da peça de vestiário. A palavra a coisa em si, tem origens africanas também, provavelmente com outros nomes na origem, inclusive árabe-africanas. Nas falas, percebemos uma valorização do vocábulo, com a ideia de identidade da negra. Falando como algo belo e importante das mulheres negras.

Fonte: Elaborado sintetização, pelo pesquisador, das ideias dos autores citados.

7. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O âmago deste estudo é a palavra e/ou expressão linguística proferida pelos interlocutores da pesquisa no momento da aplicação das oficinas. A tese de Doutorado de Mariana Bracks Fonseca (2018), intitulada “Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora”, apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, é um trabalho que fundamenta a relevância da palavra. Na tese é afirmado que, segundo Hampaté Bâ, “a ligação entre o homem e a palavra é mais forte, ele está comprometido com ela, ele é a palavra e esta mostra o que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra.” (HAMPATÉ BÂ, 1982, p.246).

A reafirmação da ideia central deste trabalho, que pretende comprovar que a identidade linguística africana e afro-brasileira está presente nos participantes da pesquisa, através de um recorte realizado em um colégio pertencente a uma comunidade quilombola urbana, pode desvelar muitos saberes da localidade pesquisada. É preciso muito cuidado para perceber o que os interlocutores da pesquisa expressaram, o que de fato estão falando ou deixando de falar, mostrando as suas etnicidades e identidades.

A temática Línguas e Falares africanos precisa ser discutido nas universidades, trabalhado nas escolas brasileiras, evidenciando a realidade linguística que compõe a identidade dos nossos estudantes, mostrar que o português do Brasil é resultado do contato de línguas africanas e de outras línguas dos povos indígenas brasileiros que, também compõem este universo linguístico que são ricas de elementos pertencentes a vários grupos étnicos, segundo afirmações de pesquisadores, a exemplo de Dante Luchesi (UFBA) e Maria Eugênia Lammoglia Duarte (UFRJ). A língua, a fala, a oralidade é um patrimônio social e toda essa diversidade é uma marca importante do povo que compõe essa sociedade. Para que o trabalho obtenha os resultados esperados e preencha essa lacuna linguística na sociedade, é necessário trazer para os diversos espaços, principalmente, o escolar e acadêmico, o debate e a reflexão da linguística africana e afro, indígena, brasileira.

A pesquisa apresentou, de forma integralizada, a relevância de seus falares e do legado africano que são expressados cotidianamente pelos estudantes. Com a aplicação das oficinas descritas, com a análise dos dados coletados, constatando que as palavras e expressões faladas pelos interlocutores confirmam a hipótese, que foi fundamentada em estudos temáticos

referenciados nos autores que compõe este trabalho, e considerando a inclusão de novos estudos realizados durante a fase de análise e de interpretação, como os dados indicados pelo Prof. Dr. Sílvio Roberto dos Santos, a fim de aprofundar as análises, demonstrando a pertinência e agregando coerência, demonstrando resultados relevantes para ciência e a sociedade.

Para análise interpretativa utilizou-se a Metodologia Interativa que, segundo Oliveira (2008), autora desse procedimento metodológico:

A Metodologia interativa é um processo hermenêutico-dialético que facilita entender e interpretar a fala e depoimentos dos atores sociais, no nosso caso alunos, em seu contexto e analisar conceitos em textos, livros e documentos, em direção a uma visão sistêmica da temática em estudo. (OLIVEIRA, 2008, p. 124).

Durante o desenvolvimento da pesquisa em um processo de relações entre pesquisador e os agentes envolvidos, foi possível observar que as propostas e as oficinas trabalhadas no colégio abrangeram professores, funcionários e estudantes, como os participantes direto da pesquisa, receberam o pesquisador com muito entusiasmo e demonstraram empolgação com o fato de aprender sobre as línguas africanas e saberes do povo negro.

As palavras e expressões que foram gravadas e registradas durante as intervenções, após análises, demonstram as demarcações identitárias dos grupos étnicos africanos, os falares apresentam os elementos do povo africano, as suas influências linguísticas nos falares cotidianos. A análise foi realizada com base no vocabulário listado por Castro (2001) e Lopes (2020), conforme anteriormente citado, assim, existe uma comprovação de que os vocábulos encontrados, expressados atualmente pelos estudantes, apresentam suas origens africanas de povos bantos.

O trabalho teve como foco demonstrar a relação dessas palavras com a identidade étnica dos participantes da pesquisa, o que foi possível perceber, analisando as palavras e seu contexto histórico e todo o contexto de um colégio que possui toda a sua dinâmica desenvolvida em um ambiente de muitas “fronteiras étnicas”, de público bastante diversificado, em um local de grande significação africana, como colocado por Barth (1998) “Além disso a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais.” (BARTH, 1998, p. 196).

Entende-se que a pesquisa tem essa necessidade natural de ouvir e sensibilizar com os participantes e, assim, apresentar uma ressignificação identitária real e próxima do público pesquisado. Assim, essa pesquisa possibilitou o entendimento de que existe palavras e

contextos linguísticos que demonstram a relação dos falares africanos com a identidade étnica dos participantes, demonstrando essa conexão que ainda é muito viva, conforme pode ser percebido por esses falares observados. Percebeu-se, a partir da observação realizada, que o jeito de falar, a forma como foram pronunciadas as palavras, e as construções linguísticas, estavam carregadas de elementos bantos o que demonstrou uma caracterização linguística específica portanto, essa pesquisa reafirma a necessidade de os pesquisadores debruçarem-se sobre como tem sido debatida a temática em questão na sala de aula e no meio acadêmico, pois, nota-se que esses debates podem revelar muitas descobertas e ressignificações sobre “quem nós somos e de nossas origens”.

Outro ponto de destaque são as palavras que já estão em um contexto bem comum no idioma português. Muitas das vezes são utilizadas sem o conhecimento de suas origens como de línguas africanas, como a palavra *farofa*, que foi escrita em uma atividade da oficina (mural coletivo) e que é originária de povos africanos, segundo os pesquisadores que fundamentam esse trabalho. O vocábulo vem do termo quimbundo *falofa* e sofreu modificações estruturais e semânticas, sendo utilizada de forma comum pelos brasileiros em diversos lugares do país, e que foi registrada como algo que representa, no entendimento dos estudantes pesquisados, como identidade quilombola.

Uma questão fundamental e que representa a ancestralidade e memória africana são os textos escritos espontaneamente pelos interlocutores da pesquisa como parte integrante das oficinas realizadas para a coleta de dados. Nos textos escritos pelos estudantes participantes foram relatados parte de suas memórias africanas e na oportunidade esses estudantes escreveram sobre suas memórias africanas escrevendo sobre o que representa para sua vida uma escola quilombola. Um dado muito importante considerando o contexto relatado, porque significa e possibilita um momento de expor de modo individual o que representa as memórias africanas de cada participante. A ideia não é elencar os elementos escritos pelos participantes da pesquisa e seguir com um trabalho narrativo dos textos e sim, reafirmar que esses estudantes apresentam elementos que comprovam a identidade étnica africana que são expostas em seus atos de falar e escrever.

É consenso dos autores e pesquisadores da área da linguística que o que dizemos e falamos representa o que somos, a oralidade é um fator de identidade coletiva e individual representando a nossa identidade. Por isso, é importante refletir sobre nossos falares resgatando a nossa história, dos diversos grupos étnicos africanos que resistiram e ressignificaram seu

modo de viver e estabeleceram em contextos adversos e conflituosos a identidade linguística do Brasil.

Os estudantes escreveram sobre suas próprias vivências: “Minhas memórias africanas” Em uma análise geral escreveram sobre a cultura africana, destacando dança, comida e crenças como o que lembra quando pensam em África e povos africanos e também a capoeira que para esses estudantes é uma representação típica dos negros e negras em território brasileiro. Alguns desses estudantes relataram que moram ao lado de uma casa de candomblé e que por essa razão despertou curiosidades acerca da África, um fator relevante considerando o que Muniz Sodré em seu livro: *O Terreiro e a Cidade* destaca em relação ao terreiro de candomblé: “É uma África qualitativa que se faz presente, condensada, reterritorializada” (SODRÉ, 2019, p.54). Comprovando a afirmação do estudante de que o terreiro é uma forma de representação da África. Um dado relevante, porque, representa a necessidade dos participantes da pesquisa em ressignificar suas origens, suas ancestralidades e resgatar tudo que simboliza a sua própria identidade.

Nesses escritos, destacamos que quase todos os textos relatavam sobre o interesse em estudar em uma escola quilombola, para esses estudantes o colégio apresenta uma dinâmica educacional que aborda as especificidades de uma educação escolar quilombola com projetos e palestras que trabalham com a temática quilombola e do continente africano. Destacaram também, sobre a importância de conscientização da cultura africana que é tão representativa no colégio e no bairro segundo esses estudantes. Escreveram sobre a vida familiar, da mãe e de avós que vendiam acarajé na praça Ruy Barbosa centro da cidade de Jequié e da religião do candomblé praticada pelos seus avós, um outro fator relevante que denota toda uma simbologia ancestral, onde esses estudantes relataram com orgulho o trabalho dos pais e avós. Um outro destaque desses interlocutores é o que escreveram sobre sua cor negra, destacando um orgulho próprio que tem pela sua pele negra e a questão do cabelo crespo e grande e das tranças como uma forma de empoderamento e de beleza africana. São pontuações importantes feitas por esses estudantes e que corrobora com a pesquisa realizada, porque esses textos representam a identidade étnica africana expressada na escrita desses estudantes que destacaram muitas memórias africanas evidenciando valores e memórias do povo africano.

Uma pesquisa que aprofunda a investigação sobre os falares africanos tentando entender os saberes expressados, o que cada participante revela quando escreve de forma livre e espontânea as suas próprias memórias em relação a ancestralidade negra desvelando sua

identidade africana que é a compreensão da realidade identitária da nossa sociedade brasileira, que é tão esquecida e ignorada, são os pertencimentos e os diversos saberes das comunidades quilombolas do Brasil. A diversidade é uma marca importante em nossa sociedade, os muitos grupos étnicos africanos com suas diversas culturas formaram a identidade do povo brasileiro que são explicitamente demonstradas nos textos escritos durante a intervenção da oficina: “Nossos falares, nossas identidades”.

Os textos escritos pelos interlocutores da pesquisa contribuem para confirmar a identidade étnica africana dos estudantes “A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (SILVA, 2014, p. 97). Apesar da descrição ainda colonial dos quilombos nos livros didáticos, observamos que na Comunidade Quilombola Urbana do Barro Preto, existe uma herança linguística dos falares africanos. Dessa forma a pesquisa realizada foi possível perceber no colégio que ainda há influência negra nos falares e na escrita em qualquer forma comunicativa expressada por esses estudantes os elementos que constituem a herança africana são demonstrados pelos diferentes grupos étnicos. “A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços dela” (SILVA, 2014, p.87). Nascer em uma comunidade quilombola urbana não confere automaticamente ao indivíduo uma identidade negra.

Muitos indivíduos da referida comunidade quilombola sequer conhecem sua história de formação pelos povos originários e suas línguas. No entanto, a prática cultural da localidade é resumida, muitas vezes, em eventos culturais isolados trazidos de fora, por acadêmicos, pesquisadores ou entidades não governamentais, que não contribui efetivamente para a construção identitária da população. Pensando nessa construção identitária a partir das narrativas apresentadas pelos estudantes revelando sua herança linguística e conseqüentemente o empoderamento para a preservação da história, cultura, a da própria comunidade instituída e demarcada enquanto quilombo, lugar de resistência negra. E pretende, a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa “compreender, descrever, e (...) explicar fenômenos sociais, a partir do seu interior” (FLICK *apud* PAIVA, 2007, p. ix), gerando informações capazes de ser usadas em estratégias de construção/preservação de identidades negras de comunidades quilombolas em outras localidades da Bahia.

A realização desse trabalho que busca a demarcação dos falares africanos, como herança cultural e fortalecimento das identidades negras, ameaçadas pelo esvaziamento gradativo da

consciência da importância do existir/resistir negro para uma população descendente de povos escravizados. E assim, percebemos que analisar uma escrita espontânea fundamenta os dados registrados na pesquisa e possibilita novas perspectivas investigativas acerca das identidades étnicas. Dessa forma, os dados coletados e analisados desvelam os falares africanos que estão presentes no dia-a-dia dos estudantes do colégio estadual Doutor Milton Santos – comunidade quilombola. É a construção e autoafirmação identitária das comunidades quilombolas da Bahia, com isso obtemos uma base de dados sólida e confiável, que seja capaz de inspirar outros pesquisadores com novas pesquisas com essa temática.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa pôde ser observado interesse por parte de outros pesquisadores, professores, coordenadores pedagógicos e estudantes, em discutir e debater a linguística africana e afro, indígena, brasileira em ambientes acadêmicos e nas escolas, em especial, escolas localizadas em comunidades quilombolas. A receptividade e o entusiasmo revelam a importância de apresentar propostas de estudo em linguagem abordando as línguas africanas, e demonstrar toda essa pluralidade linguística que compõe a língua portuguesa.

Foi muito gratificante desenvolver uma pesquisa na qual os próprios participantes contribuíram de forma espontânea, demonstrando interesse em conhecer as diversas línguas africanas que tiveram contato com o Brasil. Como destaca Castro (2001), um dos principais objetivos do seu trabalho é provocar e motivar novas pesquisas com essa temática:

A questão fundamental, é porém, como precisar, no emaranhado de línguas existentes na África, quais dentre elas foram faladas por cinco a oito milhões de indivíduos trazidos para o Brasil por mais de três séculos consecutivos, se a documentação histórica referente ao tráfico e os raros testemunhos que ficaram da época quanto ao modo como vivia a massa escrava não levam em consideração a variedade étnica do negro? (CASTRO, 2001, p.62).

Reafirma-se a necessidade de sistematização de um conhecimento dos falares africanos utilizados pelos próprios participantes da pesquisa, descrevendo e percebendo as necessidades reais da sociedade, para produzir trabalhos científicos relevantes e comprometidos com os povos quilombolas existentes no país, demonstrando a necessidade e importância de debater sobre as línguas africanas na constituição da própria identidade linguística.

A partir dos aspectos abordados no texto com base no trabalho de campo e nos dados coletados e analisados, destaca-se o estudo do contexto linguístico de uma escola quilombola na busca do entendimento da diversidade dos falares africanos existentes na localidade pesquisada, expressadas pelos participantes da pesquisa. Dessa forma através de palavras e expressões linguísticas registradas nas oficinas, evidencia-se as muitas influências de algumas línguas africanas. É a reafirmação da identidade linguística dos diversos grupos étnicos africanos que demarcam suas ancestralidades até os dias atuais, comprovando a resistência dos povos africanos que se estabeleceram no Brasil na condição de humano escravizado.

Pode-se dizer que os objetivos da pesquisa foram alcançados mesmo com a complexidade que caracteriza a temática e pela falta de tempo para avançar mais nessa questão. Em relação às hipóteses, pode-se dizer que foram comprovadas, pois, a partir da revisão de literatura e do trabalho de campo com as intervenções realizadas e posteriormente com coleta de dados e análises, a comprovação da relação entre falares africanos e identidade étnica registradas nas expressões dos participantes da pesquisa resultou na construção de um *corpus* de palavras e expressões produzidas pelos estudantes durante as oficinas. A identidade étnica dos participantes, analisada a partir da descrição das suas características e sua história onde reafirmaram seu pertencimento étnico e suas ancestralidades.

Espera-se que essa pesquisa possa ser multiplicada e que as línguas africanas sejam de fato trabalhadas no meio acadêmico, de forma ampla, e que as escolas quilombolas espalhadas no Brasil tenham garantida a formação inicial e continuada para que os profissionais trabalhem essa especificidade, e que os estudantes tenham o direito a uma educação plural e multiétnica e que os saberes africanos sejam de fato aplicados e que seja possível construir uma educação antirracista.

Por fim o trabalho tem a ideia de propagar a importância dos falares africanos como uma herança cultural e de fortalecimento das identidades negras, demonstrando a valorização e o reconhecimento das influências da linguística e dos falares africanos no português do Brasil. Dessa forma, a principal proposta é de continuidade dessa pesquisa, é no sentido de aprofundar os conhecimentos da temática. Também ressaltamos, que os resultados desse trabalho podem ser um material relevante para ser replicado nas escolas de comunidade quilombola para que valorizem e reconheçam a ancestralidade africana que expressamos nos “nossos falares”.

Ressalto ainda, que a temática Línguas e Falares Africanos precisa ser trabalhada nas escolas e nas universidades brasileiras, evidenciando a realidade linguística que compõe a identidade dos nossos estudantes, mostrar que o português do Brasil é resultado do contato de línguas africanas que são ricas de elementos pertencentes a vários grupos étnicos africanos, segundo afirmações de pesquisadores, a exemplo de Dante Luchesi (UFBA) e Maria Eugênia Lammoglia Duarte (UFRJ). A língua, a fala, a oralidade é um patrimônio social e toda essa diversidade é uma marca importante do povo que compõe essa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Africanismos no português do Brasil**, *Revista de Letras, Fortaleza*, v. 30, n. 1/4, p. 7-16, jan. 2010/dez. 2011.
- ARRUTI, José Maurício. **Etnicidade**. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio Alves. **Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos Países de Fala Oficial Portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 199-213.
- AZEVEDO, Débora. **Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos**. Working paper, 2016. Disponível em: < <https://unisinus.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>>. Acesso em 03/12/2022.
- BARBOSA, Ana Angélica Leal. **Análise de Microsatélites do Isolado Bananal (BA) - parâmetros populacionais**. 110p. Tese (Doutorado em Genética) - Departamento de Genética da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- BARBOSA, Ana Angélica Leal (org.). **Comunidades quilombolas: outras formas de (re)existências**. Curitiba: Appris, 2020.
- BARBOSA, Gerônimo Silva; BARBOSA, Ana Angélica Leal. **Revisão de literatura narrativa sobre as identidades étnicas reveladas nos falares africanos na comunidade quilombola do Barro Preto**. In: **Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira: revisitando os debates das relações étnicas, racialidades e de gêneros**, 16., 2020, Jequié. *Anais [...]*. Jequié: UESB/ODEERE, 2020, p. 92-101.
- BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe.; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BONVINI, Emílio. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. In: PETER, Margarida;

FIORIN, José Luiz (org.). África no Brasil: a formação da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 15-62.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. A linguagem Escravizada: língua, história, poder de luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CAREGNATO, Sonia Elisa. Google Acadêmico como ferramenta para os estudos de citações: avaliação da precisão das buscas por autor. Ponto de Acesso, Salvador, n. 3, p. 72-86, dez. 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares Africanos na Bahia: um vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Afro-Ásia, Salvador, n. 14, 1983.

58

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Comunicação Científica, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007.

DIAS, Pedro (Pe.). Arte da língua de Angola: oferecida a virgem Senhora N. do Rosário, mãe & senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1697.

FERNANDES, Viviane Barboza. O quilombo e a escola de Barro Preto, em Jequié, Bahia: vicissitudes e sentidos de identidade. 2017. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Michelle Gomes Freitas; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. Barro Preto, uma comunidade urbana remanescente de quilombo: Especificidade, Tradições e Memórias. In: BARBOSA, Ana Angélica Leal (org.). Comunidades quilombolas: outras formas de (re)existências. Curitiba: Appris, 2020.

- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.**
- FONSECA, Mariana Bracks. Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora. 2018. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de PósGraduação em História Social - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.**
- FREITAS, Décio. Insurreições escravas. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.**
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.**
- HAERTER, Leandro; NUNES, Georgina Helena Lima; CUNHA, Deise Teresinha Radmann. Refletindo acerca da contribuição da cultura quilombola aos currículos da educação básica brasileira, através da presença da história da África e Afrobrasileira. Identidade, São Leopoldo, n. 3, p. 267-278, dez. 2013.**
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (coord.). História geral da África I: metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982, p. 181-218.**
- LOBO, Tania. Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil. Estudos de Linguística Galega, Santiago de Compostela, n. 7, p. 69-82, jan. 2015.**
- LOPES, Nei. Novo dicionário Banto do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.**
- LOPES, Valdene Moura. As formas divergentes na escrita dos alunos do 6º ano e o ensino da ortografia. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.**
- LUCCHESI, Dante. A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil. Boletim Salto para o futuro, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 8, p. 30-38, maio 2008.**
- LUZ, Marco Aurélio. Cultura negra e ideologia do recalque. 3ª ed. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/Pallas, 2011.**
- MACEDO, Roberto Sidnei. A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.**
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org.). Introdução à linguística: domínios**

e fronteiras. v. 1, 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

59

OLIVEIRA, Carla Ariella de. A pesquisa escolar em tempos de internet: reflexões sobre essa prática pedagógica. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019.

PETTER, Margarida; FIORIN, José Luiz (org.). África no Brasil: a formação da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 1993.

PINTO, Vera Maria Ramos; RIBEIRO, Thiago Leonardo. A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras. A cor das letras, Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 97-116, 2018.

POUTIGNAT, Philippe.; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.

SAMPAIO, Adriana Cardoso. Mulheres Griôs: um estudo etnográfico sobre identidades étnicas e de gênero no quilombo urbano Barro Preto em Jequié-BA. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Luís (publ.). Obra Nova de Língua Geral de Mina de António da Costa

**Peixoto. Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora. Lisboa: Agência Geral das Colônias,
1944.**

**SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira/ Muniz Sodré. -3 ed. – Rio
de Janeiro: Maud X, 2019.**

**TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia.10. ed. São Paulo/Salvador: Editora
UNESP/EDUFBA, 2001.**

**THOMPSON, John Brookshire. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos
meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.**

APÊNDICES

Eu só uma pessoa muito tranquila,
Tenho um caráter muito bom, meu caráter
não é muito bom, eu só uma pessoa
de caráter.

Só uma pessoa que qualquer coisa
fá coisa, gosto da minha coisa.

Minhas características:

- 1- Sou preta
- 2- Sou brasileira
- 3- tenho cabelo grosso
- 4- Sou extrovertida

Morena de Angola que leva...

Esquema da terra

de Angola que leva com Angola e Angola
de Angola de Angola e Angola

Morena de Angola que leva com
Angola e Angola

de Angola que leva com Angola e Angola
de Angola de Angola e Angola

de Angola

Angola de Angola e Angola e Angola

Morena de Angola que leva a Angola
de Angola e Angola

Angola e Angola para a Angola

de Angola de Angola e Angola

ESPIRITO

Angola de Angola e Angola e Angola

de Angola e Angola

A Angola e Angola

"Minhas Memórias Africanas"

Minha mãe vendia acarajé na praça
mas a avó dela, na praça, não vendia
ela ia todo dia de noite,

Ela me disse que a avó dela era
bruxa e usava ela para ir ao trabalho
eu nunca fui mais respeito a religião.

Eu sempre quis estudar no Colégio
Estadual Doutor Milton Santos falaram
muito bem daqui eles ensinavam
muito a gente sobre a cultura africa-
na.

"Minhas Memórias Africanas"

Até onde eu sei a minha casa não
fica em um bairro quilombola, nem
por isso eu não tenho contato com cui-
ses de origem africana, meus de lado de
uma casa de codomali. Por essas tanto
tempo de lado fiquei curioso sobre a África
e tudo que vinha de lá, palavras, costumes
comidos e tudo mais

Eu estudei a quatro anos em um
colégio quilombola, por isso eu aprendi
ainda mais sobre o quilombo, com pes-
quisas de campo até palestras